

REQUALIFICAR PARA ACOLHER

o lugar do refugiado na urbe carioca



“Perdemos a nossa casa o que significa a familiaridade da vida cotidiana. Perdemos a nossa ocupação o que significa a confiança de que tínhamos algum uso neste mundo. Perdemos a nossa língua o que significa a naturalidade das reações, a simplicidade dos gestos, a expressão impassível dos sentimentos.”



Hannah Arendt

SUMÁRIO

1 . INTRODUÇÃO	01
2 . OBJETIVOS	05
3 . RELEVÂNCIA	09
4 . METODOLOGIA	11
5 . RECORTE	13
6 . PROJETO	38
6 . CONCLUSÃO	80
7 . BIBLIOGRAFIA	82

A crise humanitária internacional tem se agravado nos últimos anos, disputas territoriais, desavenças sócio-econômicas, desastres ambientais, conflitos armados e também conflitos étnicos-raciais, acabam por expulsar populações inteiras de suas casas e por vezes até mesmo de seus países, criando grandes massas migrantes em necessidade de asilo. Dados recentes do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) revelam que 79,5 milhões de pessoas estão em situação de deslocamento forçado em todo o mundo, dentre as quais, 26 milhões refugiadas e 4,2 milhões solicitantes de refúgio. Destaco aqui a necessidade de não reduzirmos a simples números o que são, na verdade, vidas.

A situação do migrante é precária. Sem o apoio de seu governo, e conseqüentemente, sem o respaldo de seu sistema estrutural, não possui muitas vezes a infraestrutura necessária para um processo de deslocamento seguro de tal forma que arrisca sua vida, e a de sua família, em busca de refúgio em outro país. Já no país de destino, o processo de recepção dessas populações varia. Alguns países fecham suas fronteiras alegando não possuírem condições para o acolhimento dos refugiados, de modo que as pessoas que chegam a procura de refúgio se veem sem ter pra onde ir e, tendo em vista que a migração forçada é a última opção, não existe um plano B.

Fixam-se então, às portas da imigração, à espera do dia no qual as mesmas irão se abrir, em assentamentos improvisados e extremamente precários, sem condições humanas primordiais, como saneamento básico. A falta de qualidade de vida é inegável, porém, a ausência de opção fala mais alto e as pessoas permanecem. Não existe, contudo, um prazo para a abertura das fronteiras, de modo que os assentamentos até então "provisórios" podem consolidar-se, em casos extremos, em cidades permanentes.

O foco deste Trabalho Final de Graduação, entretanto, é outro. Aqui, irei tratar das pessoas que de fato conseguem ser recebidas em seu país destino e de como se dá o processo de recepção. De modo simplificado

existem dois momentos de contato com o indivíduo migrante:

Em um primeiro contato, lhes é oferecido abrigo provisório em bases nas cidades fronteiriças, onde recebem moradia, comida, e também documentação, esta última inclui não somente o reconhecimento da condição de refugiado através da Carteira de Registro Nacional Migratório como também, no caso do Brasil, uma carteira de trabalho funcional. Contudo, embora tais assentamentos temporários supram o indivíduo migrante de suas necessidades básicas, podemos destacar a inevitável falta de qualidade de vida dos mesmos. Insuficiência de saneamento básico, banheiros e chuveiros coletivos -que se mostram verdadeiros espaços de alta vulnerabilidade por serem



mal iluminados e afastados-, a falta de espaços de convivência e iluminação de qualidade, além da notória superlotação, acabam por compor um clima de insegurança e precariedade.

O segundo contato, e o estudo de caso deste TFG, consiste no processo de integração social do migrante. A fim de evitar a saturação populacional, foi criado no Brasil em 2018 o programa de interiorização de refugiados, caracterizado pela distribuição do indivíduo migrante para o interior do país, aliviando a pressão urbana e social das cidades fronteiriças. O refugiado participante do programa de interiorização irá receber moradia para si e sua família, durante o período de alguns meses, juntamente com assistência financeira. Como regra geral, esses lugares de recepção são

afastados do centro, o que gera uma dificuldade de inserção social do refugiado e também a mistificação da cidade, para eles, estrangeira. Há aqui, todavia, uma disparidade. Embora se pense na residência do migrante em isolados abrigos governamentais, dados recentes coletados pelo ACNUR apontam que cerca de 60% da população refugiada reside nas cidades. De acordo com a nomenclatura de ONGs Internacionais, tais grupos de refugiados urbanos são dispersos e não gerenciados, categorizados como refugiados “auto-estabelecidos” ou “grupos espontâneos” (Hansen, 2007, p.40). Juntamente com o conceito de auto-estabelecimento surge a impressão infundada de autonomia, de que o migrante, por ter escolhido se fixar na cidade, possui modos de sobreviver e

se virar na mesma, enquanto na prática não é bem assim. A possível falta de uma documentação apropriada e a inegável barreira linguística inserem o refugiado em uma situação de vulnerabilidade social, passível de ser aliciado e suscetível a contratos -tanto de moradia quanto trabalhistas- desfavoráveis.

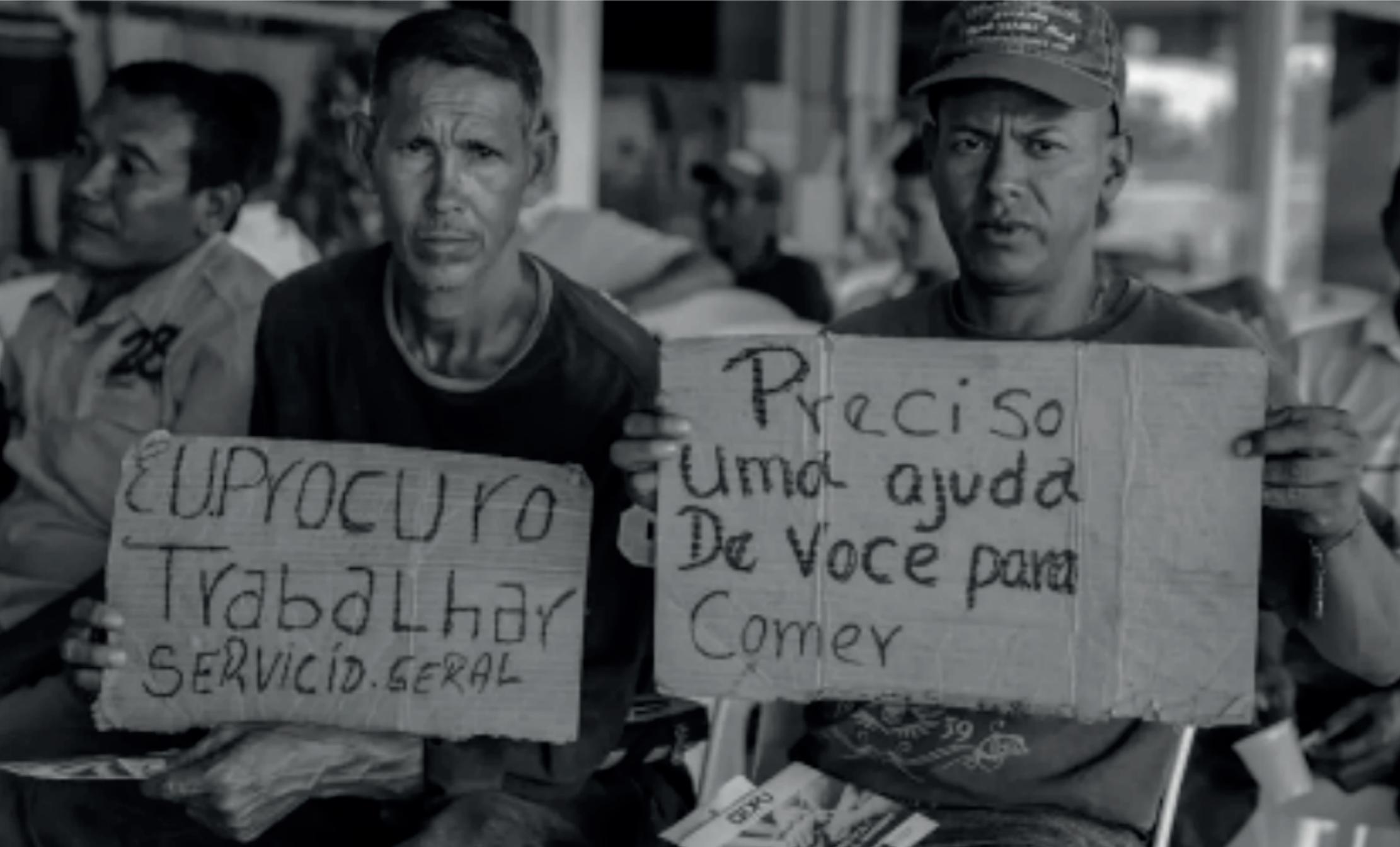
Propõe-se então, tratar do segundo contato com o refugiado e reestruturar o processo de interiorização em si, criando um novo modelo que tenha como ponto focal não somente a humanização do sistema mas também o protagonismo do indivíduo migrante e a construção de sua autonomia.

Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), na 6ª edição do relatório “Refúgio em Números”, em junho de 2020 o Brasil possuía cerca de 48 mil refugiados, um número sete vezes maior que o registrado em dezembro de 2019, quando havia 6 mil pessoas em situação de refúgio no país. Esse aumento brusco é oriundo principalmente da crise venezuelana que levou, e ainda leva, famílias inteiras a deixarem o país e buscarem refúgio no Brasil, de modo que atualmente os venezuelanos compõem 88% do total de refugiados no Estado brasileiro.

A travessia venezuelana no país se dá através de Roraima que chegou a possuir cerca de treze (13) assentamentos temporários antes do fechamento de fronteira realizado em

março de 2020, medida do Governo Federal para conter os avanços do coronavírus. Em junho deste ano as fronteiras foram reabertas, de modo que 7.082 pessoas em situação de vulnerabilidade social entraram no país pelas cidades fronteiriças; Pacaraima e Boa Vista. No mês seguinte, em julho de 2021 é inaugurado o 14º abrigo do estado: Rondon IV.

Tais dados apenas evidenciam o crescente quantitativo de refugiados no estado que, por conta justamente do abrupto aumento populacional, sofre de um evidente inchaço urbano. A população de rua aumentou, as taxas de criminalidade subiram e instaurou-se na cidade um clima de inimizade que beira a xenofobia, tanto o cidadão local quanto o indivíduo refugiado sentem-se vulneráveis no meio



urbano saturado. A sensação de vulnerabilidade e de ameaça levam o ser humano a uma demonstração clara de territorialismo, passando a culpar a população estrangeira pelos súbitos problemas de segurança locais e pela falta de recursos. O ponto que tento fazer aqui é: é necessário o alívio populacional das cidades fronteiriças e, a fim de que o mesmo problema não aconteça nos estados que irão receber a população refugiada, tal inserção deverá ser gradual e integrada.

O programa de interiorização existente no Brasil, como dito anteriormente, abarca programas de saúde pública, educação e assistência social, porém de modo similar aos assentamentos temporários, se encontram afastados do centro urbano. Segundo James

Leon-Dufour, arquiteto e oficial do ACNUR, “ambos social e espacialmente, refugiados tendem a criar um tipo de componente cola em uma cidade, preenchendo lacunas e amarrando pontas soltas” (LEON-DUFOUR, James 2017) partindo desse pressuposto podemos, e devemos, inserir o refugiado no meio urbano, não somente para proveito do refugiado -que estando mais próximo à urbe teria maior acesso a aparelhos de cultura e lazer e experienciaria melhor a própria cidade, além de poder construir um senso de segurança maior ao viver na mesma- mas também para a melhora de vida no próprio centro urbano. Por outro lado, a expansão dessa ocupação pelo território brasileiro deve ser realizada de forma planejada e integrada, grandes centros urbanos

podem e devem receber essa população deslocada e serem beneficiados pela mesma. No caso do Rio de Janeiro o esvaziamento do Centro tem sido discutido, sem solução, há décadas, a inserção da população refugiada, deste modo, poderá proporcionar uma ocupação mais intensa da cidade culminando em inevitáveis repercussões na vitalidade urbana.

O objetivo então é re-inserir o programa de interiorização brasileiro na urbe carioca, preenchendo as literais lacunas do tecido urbano, o vazio urbano -definido como espaços não construídos, abandonados ou não qualificados inseridos dentro do perímetro urbano- de modo a ressignificar tais lacunas como pontos de oportunidade de forma tal que passem a acolher o indivíduo em situação de refúgio.

As mudanças propostas, entretanto, transpassam o meio físico. A intenção é reestruturar o sistema de interiorização em si, criando um processo de integração social mais empático, no qual seja possível prover para além do apoio estrutural-financeiro, um apoio emocional que propicie o bem estar e a autonomia do refugiado.

“(...) uma vez fora do país de origem, permanecem sem lar; quando deixam seus Estados, tornam-se apátridas; quando perdem os seus direitos humanos, perdem todos os direitos: são o refugio da terra”
(ARENDR, 1989, p.300)

Como previamente mencionado, a crise humanitária tem se agravado acentuadamente ao longo dos últimos anos, e a tendência mundial segundo a ONU é de que, frente ao cenário globalizado atual, esse número não pare de crescer.

Segundo o Comissariado das Nações Unidas do Quênia, de todas aquelas pessoas que se veem forçadas a abandonar os seus países de origem e encontram refúgio em outro país, "a maioria delas passa mais de 16 anos vivendo em estruturas temporárias." o que frisa a necessidade de romper com a visão de que a crise humanitária internacional é algo emergencial e de que, por conta disso, a solução viável para a mesma há de ser, também, emergencial. Ainda que em um primeiro

momento os assentamentos temporários possam ser uma solução viável, talvez não sejam a solução socialmente sustentável, uma vez que sua provisoriedade pode, a qualquer momento, converter-se em permanência.

Criamos lugares à parte, longe de nossas cidades e de nossa sociedade, “não-lugares” ou “entre-lugares” onde os recebemos sem de fato os inserir ou integrar. O refugiado passa a viver um estado de pertencer sem pertencimento, sendo incluído ao ser excluído e excluído ao ser incluído (Bülent Diken, 2004, p.84). Saliento aqui a necessidade de dissipar a alteridade que permeia o status de refugiado, de inserir esse crescente contingente em nossa sociedade. A necessidade de acolher, mais do que apenas abrigar, se mostra imprescindível.

A exclusão do refugiado, mais do que uma consequência social, remonta ainda a um processo de globalização. O conceito de Estado é atrelado ao conceito de pátria e o conceito de pátria por sua vez é atrelado à posse de direitos, e uma vez que o indivíduo se vê deslocado forçadamente de seu país, se vê também desprovido de direitos. Trago novamente a questão do respaldo governamental. Sem documentação adequada é impossível conseguir casa própria, um contrato de trabalho justo ou condições básicas de sobrevivência, deste modo, o refugiado torna-se uma pessoa impossibilitada de contribuir socialmente, não por incapacidade, mas pela falta de recursos para tal. Corpos que não possuem meios de contribuir para a engrenagem social

do capitalismo, segundo Bauman, são lidos enquanto corpos dispensáveis, indesejados. Surge então “a produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugiados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade.” (BAUMAN, 2004, p.12) a permissão de sua permanência e, mais do que isso, a reabilitação social do refugiado e o auxílio para sua inserção em sociedade acabam por implicar também na subversão da visão social do refugiado enquanto refugo a partir da leitura do mesmo enquanto “excessivo” e “não-contribuinte”.

A imagem do refugiado se encontra atrelada ao distanciamento, restringindo sua presença a isolados abrigos governamentais, ainda que dados recentes do ACNUR apontem que a maioria da população refugiada reside nas cidades. Segundo a Lei Brasileira de Refúgio, o solicitante de refúgio possui sim direito à cidade, podendo gozar de uma vida regular, com trabalho e acesso a serviços públicos, antes sequer de receber o reconhecimento do status de refugiado. Entretanto, dentro dos dispositivos de políticas públicas existentes, não existe um que observe ou auxilie o acesso dessas pessoas à moradia, de modo tal que a situação de vulnerabilidade dos mesmos é potencializada. Existe aqui uma falsa sensação de autossuficiência, de que o migrante, por ter

optado se deslocar para a cidade, está munido de meios de sobreviver e construir uma vida digna na mesma, o que não é de todo verdade.

Destaco então a carência por um sistema que vise desenvolver essa, até então pressuposta, autonomia, através de uma assistência supervisionada que propicie o máximo possível de protagonismo por parte do indivíduo em situação de refúgio. Frente a isto surge da mesma maneira a necessidade de uma solução humanitária e integrada, que se valha de uma estrutura urbana capaz de integração social eficiente e que seja, assim como ela própria, urbanamente favorável.

METODOLOGIA

“tal opinião silenciosa e prática eram mais importantes para a nossa vida cotidiana do que todas as proclamações de hospitalidade e boa vontade oficiais”
(ARENDR, 2013, p.15)





. **DOCUMENTAR** . Trata do primeiro contato com o refugiado interiorizado, partindo da junção de seus documentos e de sua inserção no sistema. Tal etapa seria majoritariamente administrativa.



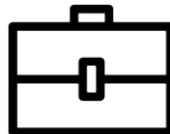
. **ACOLHER**. Trata do redirecionamento do refugiado -juntamente com seu núcleo familiar- para sua moradia temporária. Nessa etapa se apresenta o programa ao refugiado.



. **CUIDAR**. Criação de uma pequena unidade de enfermagem local, onde o refugiado pode ser atendido por um profissional fluente em seu idioma e redirecionado à rede de saúde pública, caso haja necessidade.



. **COMUNICAR** . Disponibilização de aulas de português aos refugiados recebidos, de acordo com sua idade, nacionalidade e grau de conhecimento da língua local, a partir de uma prova de nivelamento. A fim de extinguir a barreira linguística e possibilitar a inserção social.



. **EDUCAR** . Criação de parcerias com escolas e universidades locais a fim de disponibilizar aulas e ministrar cursos profissionalizantes para possibilitar maiores chances de construir vínculos empregatícios.



. **TROCAR** . Criação de espaços de confraternização, nos quais seja possível criar laços e, com eles, uma rede de apoio que propicie o bem-estar do indivíduo em situação de refúgio. A ideia é que esses espaços sejam abertos e que a troca se dê, também, com a população local.



. **INTEGRAR** . Assistir o refugiado com sua inserção no mercado de trabalho e com a obtenção da casa própria, a fim de que o mesmo não seja vítima de contratos desfavoráveis ou ilegítimos.

O Estatuto do Refugiado define refugiado como: "pessoa que, como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, e devido a fundados temores de ser perseguido por motivos de raça, religião e nacionalidade ou opinião política, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em razão de tais temores ou razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira receber a proteção desse país, ou que, por carecer de nacionalidade e estar fora do país onde antes possuía sua residência habitual não possa ou, por causa de tais temores ou de razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira regressar a ele."

A humanidade e visceralidade da definição acima não cabem em sistemas de

de respaldo que sejam emergenciais e generalizados. Há de se pensar que são indivíduos, que possuem suas próprias particularidades e, para além das necessidades físicas básicas, precisam de apoio emocional. Destaco aqui a necessidade de um sistema de inserção integrado que seja humanamente centrado e supra não somente necessidades físico-estruturais, mas também o conforto em âmbito social, a fim de desmistificar, mais do que a urbe, a ignorância oriunda da falta de informação.

Busca-se criar um sistema de inserção social e urbana, no qual o refugiado tenha suas necessidades básicas atendidas; auxílio médico e financeiro, abrigo para pernoite, alimentação, programas profissionalizantes

e aulas de português. Ademais se prevê a criação de espaços de troca e confraternização que oportunizem a construção de laços e, através destes, a consolidação de uma rede de apoio que propicie à pessoa em situação de refúgio um maior bem-estar e qualidade de vida.

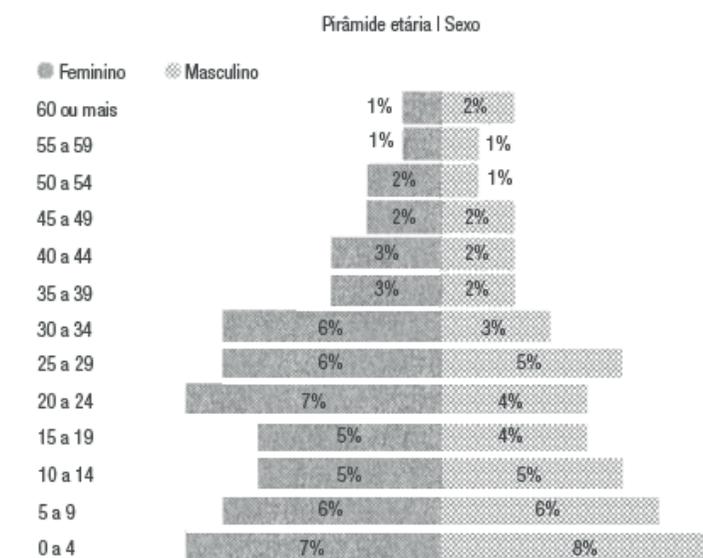
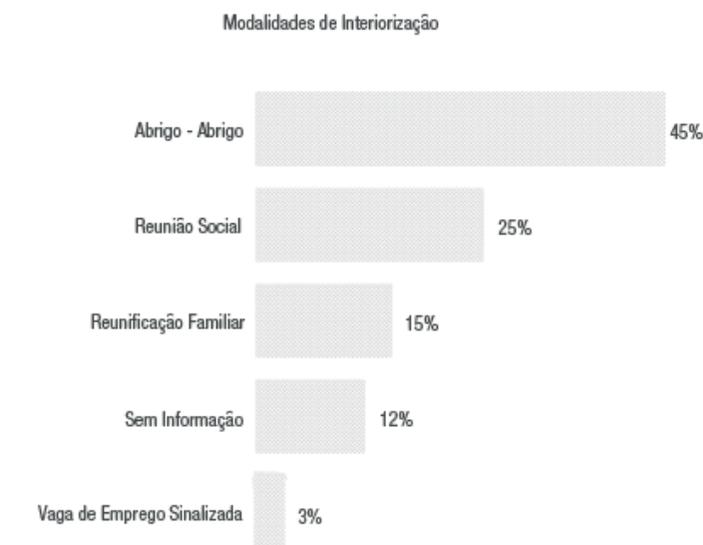
Tal sistema deverá ser inserido no meio urbano, se valendo de vazios urbanos para a inserção de cada um dos espaços listados acima, de modo que cada vazio desempenhe função específica dentro da multifuncionalidade do sistema. Esses vazios urbanos acabarão por formar uma espécie de Sistema em Rede que funciona de modo integrado no qual cada lote corresponde diretamente a um dos braços do novo sistema de interiorização desenvolvido, incentivando o caminhar da/na

cidade e a familiarização com a mesma, barrendo processos de mistificação do território desconhecido, uma vez que este passa a ser habitado e percorrido rotineiramente.

A ideia é que o refugiado, se valendo de um sistema estrutural que o apoie, consiga construir a confiança necessária para percorrer a urbe e vivenciá-la, de modo a culminar, espera-se, na construção assistida de uma autonomia.

O número médio de indivíduos interiorizados mensalmente no estado do Rio de Janeiro variou em 72 e 34 no ano de 2020, a partir desse quantitativo, a rede de vazios desenvolvida deverá comportar no mínimo cerca de 100 pessoas a fim de abarcar o contingente de refugiados recebidos.

Segue adiante a coleta de dados acerca da população de refugiados já interiorizados, especificamente no estado do Rio de Janeiro, desde o ano de 2018 quando foi criado o programa brasileiro de interiorização. Ainda que não possam prever as características futuras, tais dados oferecem um panorama demográfico da população a ser recebida.



O recorte escolhido para a inserção do Sistema de Integração foi o Centro do Rio de Janeiro, em específico a Av. Marechal Floriano e da Rua Teófilo Otoni. A região é notoriamente marcada por uma forte setorização, composta basicamente por setores de trabalho e comércio, com ausência de moradias, de modo que fora do horário comercial de 8h às 19h apresenta forte esvaziamento, transmitindo insegurança às pessoas ali presentes. No atual contexto pandêmico, o setor comercial sofreu imensamente, não mais se encontram na região os vendedores ambulantes que costumavam compor cada calçada e placas de “passo o ponto” compõe grande parte das fachadas de antigos comércios. Já o setor trabalhista acabou por modificar-se enorme-

mente através da introdução do home office, que acaba com a necessidade do local de trabalho enquanto espaço físico externo. O enfraquecimento de tais setores acabam por reduzir o -já falho- fluxo populacional do território.

A partir da premissa citada anteriormente, de capacidade de preenchimento de lacunas da população migrante, se propõe a inserção de moradia rotativa na urbe carioca, a ser realizada de forma gradual. Ao passo que se inicia um movimento de habitação, pretende-se se valer dos vazios urbanos tão presentes na região, ressignificando-os enquanto pontos oportunos, criando uma demanda populacional semi-fixa, que acabará por gerar uma micro-economia, revitalizando assim o Centro do Rio de Janeiro.

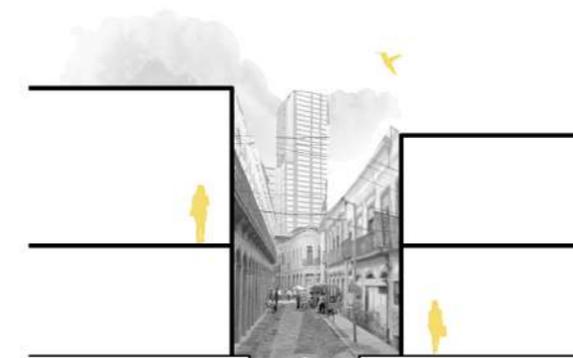


Através de um processo de mapeamento de vazios urbanos, notou-se uma concentração destes ao longo da Av. Marechal Floriano e da Rua Teófilo Otoni, próximas à Av. Presidente Vargas e também ao corredor cultural. Tais características foram decisivas na escolha das mesmas como local de implementação deste TFG.

Ao lado se encontram perfis de rua de cada uma;

.A Rua Teófilo Otoni é uma via de mão única, com caixa de rua de pouco mais de 3m e calçamento em paralelepípedo, as calçadas de pedra portuguesa são bastante estreitas, de modo que a rua possui um caráter pedonal ainda que não o seja. Possui caráter de rua interna composta e é majoritariamente por sobrados antigos que abrigam, em sua maioria, restaurantes, cafés e alguns pontos de comércio, inclusive de ambulantes.

.A Avenida Marechal Floriano/Rua Visconde de Inhaúma, entretanto, possui um caráter diferenciado, com uma caixa de rua mais larga, de 15m, abarca uma linha dupla de VLT, uma via de mão dupla e ainda duas calçadas largas e arborizadas, também de pedra portuguesa. Apresenta maior caráter de passagem, com algumas edificações mais novas e de cota maior, com forte presença de comércio.





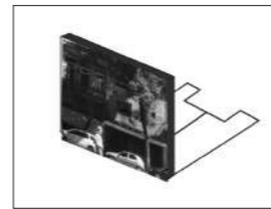
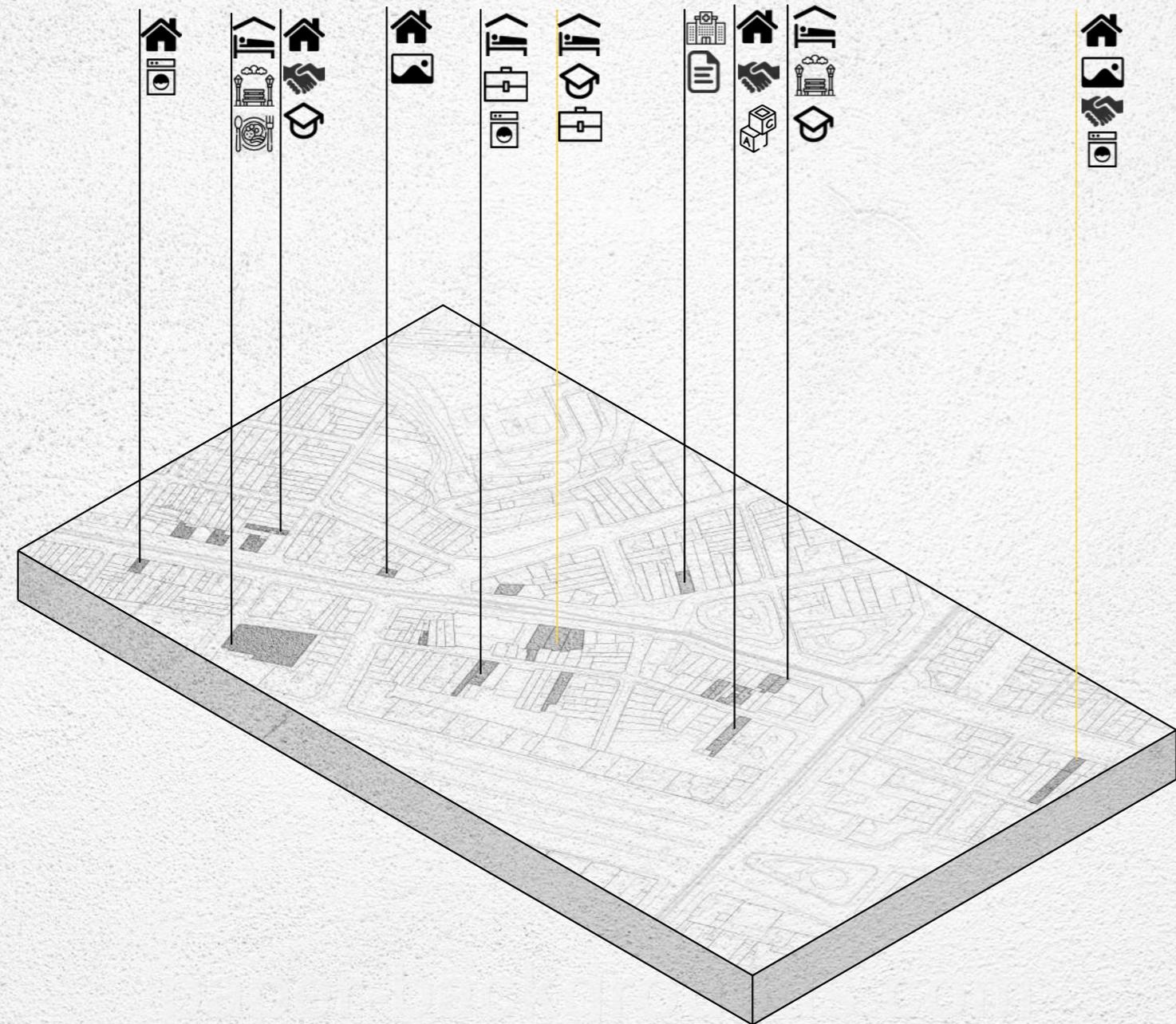
O mapa anterior foi desenvolvido a partir da visita de campo realizada e apresenta análises sobre o entorno imediato do recorte escolhido. Abastecido por diversas redes de transporte público como ônibus, metrô e VLT, a região possui ainda proximidade com a Central do Rio de Janeiro, com acesso também à rede ferroviária. Situada na R. Visconde de Inhaúma, em meio ao Largo de Santa Rita, a Matriz de Santa Rita é uma igreja de estilo Barroco de 1720 e juntamente com a Igreja da Candelária, com seus altares esculpidos pelo Mestre Valentim, traz um caráter histórico-religioso para a região.

Mais abaixo no mapa, se encontra parte do Corredor Cultural do Rio de Janeiro, em especial, o Saara, a proposta é de que o projeto a ser desenvolvido possa contribuir também com o viés de Proteção Patrimonial do Corredor Cultural, a partir do resgate de referências arquitetônicas oriundo da revitalização de sobrados antigos, e, mais do que isso, a revitalização da área em si, que preserva e potencializa a ambiência e a vivência do Centro carioca.

Ao lado estão evidenciados os vazios urbanos tidos como espaço de potencialidade para receber um dos braços do sistema de inserção social, localizados no recorte selecionado. São, em sua maioria, sobrados ocados com frente de lote de em média 6m e profundidade variante, além de também alguns lotes livres, bem providos de conexão viária, próximos à inúmeros pontos de ônibus tanto municipais quanto intermunicipais. Cada agrupamento de vazios foi marcado com um raio de caminhabilidade de 25m, que acabam por destacar a proximidade entre eles e a factibilidade de, enquanto rede de conexão pedonal, receberem o Sistema proposto.

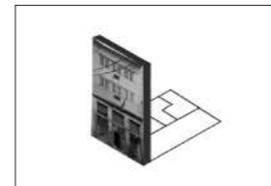
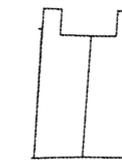
Foram identificadas 24 (vinte e quatro) edificações em estado de Vazio Urbano, aglutinadas em 8 (oito) grupos tomando como base a proximidade entre as mesmas.





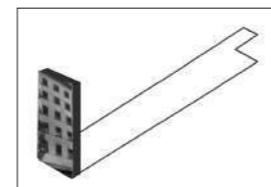
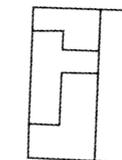
. Rua Visconde de Inhaúma, n 101 e 103

Dois vazios urbanos adjacentes que consistem em sobrados, de 2 pavimentos e 3 pavimentos. Cada um com 6m de frente de lote e metragem de 94m² e 96m² respectivamente, totalizando 190m².



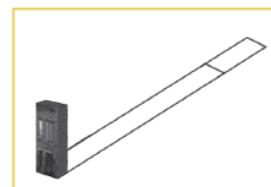
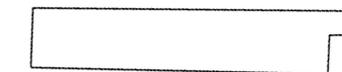
. Rua Teófilo Otoni, n 94 e 96

Dois vazios urbanos adjacentes que consistem em um edifício novo e um sobrado, de 4 pavimentos e 2 pavimentos. Com 6m e 7m de frente de lote e metragem de 105m² e 132m² respectivamente.



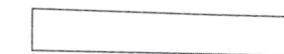
. Rua Teófilo Otoni, n 85

Um vazio urbano de 6 pavimentos com aparente caráter habitacional inabitado, 6,5m de frente de lote e 250m².



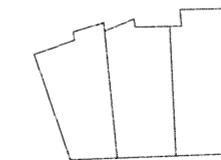
. R. Teófilo Otoni, n 46

Um vazio urbano duplo, que conecta a R. Visconde de Inhaúma, n 63 com a Teófilo Otoni, n 46 atualmente possui apenas a fachada frontal e é utilizado como estacionamento. possui uma testada de 6,8m e 50m de profundidade.



. Av Marechal Floriano, n 7 e 9 e 11

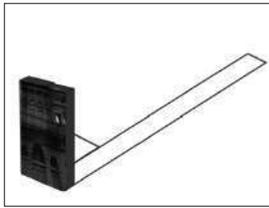
Três vazios urbanos adjacentes que consistem em sobrados, cada um com 2 pavimentos, atualmente ocados para utilização como estacionamento, com 7m de frente de loja cada e totalizando uma metragem de 576m².



. Rua Teófilo Otoni, n 130

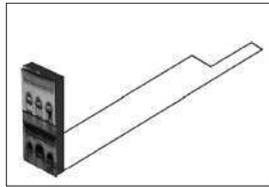
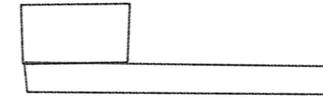
Um vazio urbano que consiste em um sobrado de 2 pavimentos, 4m de frente de loja e 47m²





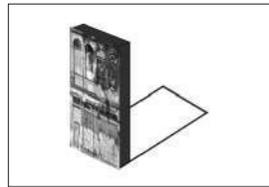
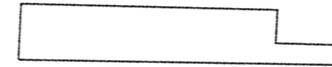
. Rua Teófilo Otoni, n 129 e 131

Dois vazios urbanos adjacentes consistindo em sobrados de 2 pavimentos cada, com frentes de lote de 6m e 4m respectivamente e metragem total de 160m².



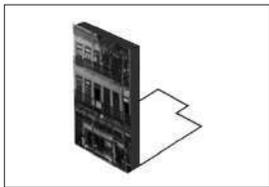
. Rua Teófilo Otoni, n 150

Um vazio urbano que consiste em um sobrado com 2 pavimentos, frente de lote de 6,5m e 202m².



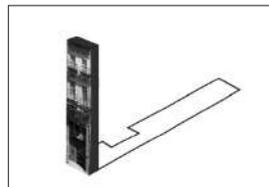
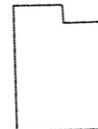
. Av. Marechal Floriano, n 73

Um vazio urbano que consiste em um sobrado, de interior completamente ocado, de 2 pavimentos, frente de lote de 7m e metragem de 82m².



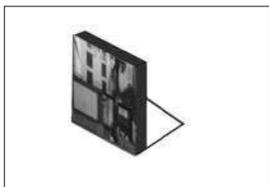
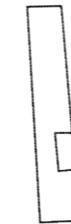
. Av. Marechal Floriano, n 46

Um vazio urbano que consiste em um sobrado com 3 pavimentos, frente de lote de 9m e 136m².



. Rua dos andradas, n 141

Um vazio urbano que consiste em um estreito sobrado de 3 pavimentos, frente de lote de 4m e 65m².



. Av. Marechal Floriano, n 18

Um vazio urbano que consiste em um lote aberto, atualmente utilizado para estacionamento rotativo de moto mas em aparente desuso, possui 9m de frente de lote e 30m².

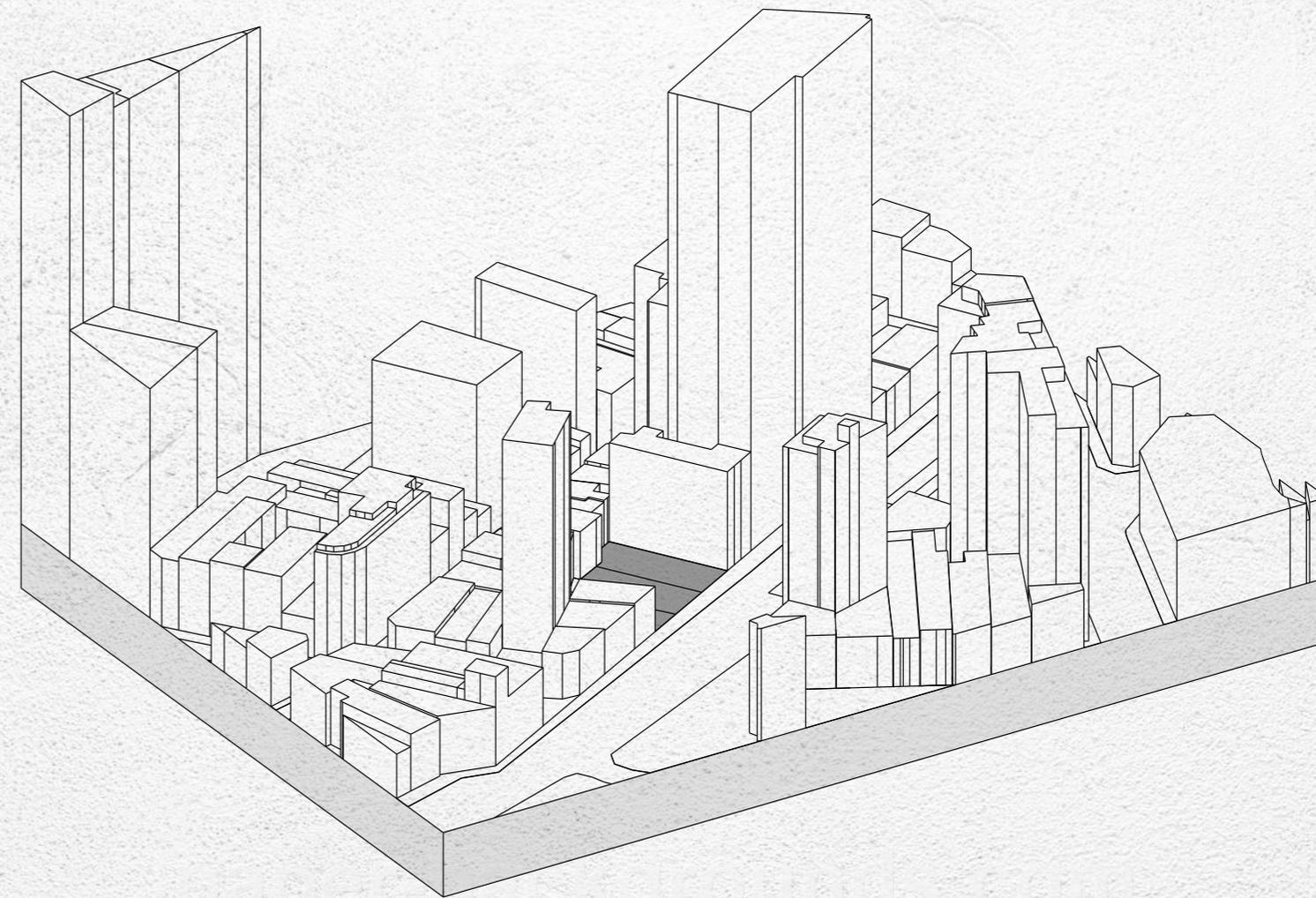


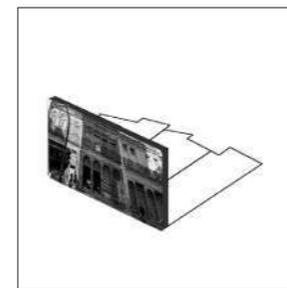
Através da análise dos lotes e dos programas a serem inseridos, foram escolhidos dois conjuntos de vazios urbanos a serem desenvolvidos projetualmente e detalhados a seguir. São eles:
R. Teófilo Otoni, n46/R. Visconde de Inhaúma, n63 e Av Marechal Floriano, n 7,9 e 11 que irão receber os programas “Educar” e “Trocar”, respectivamente.

PROJETO EDUCAR

O conjunto de lotes localizado na Av. Marechal Floriano, n 7, 8 e 9 foi selecionado para receber o programa “Educar”, juntamente com o programa “Acolher”. A escolha de mesclar os programas e inserir em cada lote também o programa habitacional se deu para que não seja perpetuada a sazonalidade da utilização do espaço, de modo que este possua utilização a todo momento, se mantendo constantemente ocupado.

Possui um conjunto de moradia rotativa, salas de aula e uma creche para crianças de 3 a 6 anos.



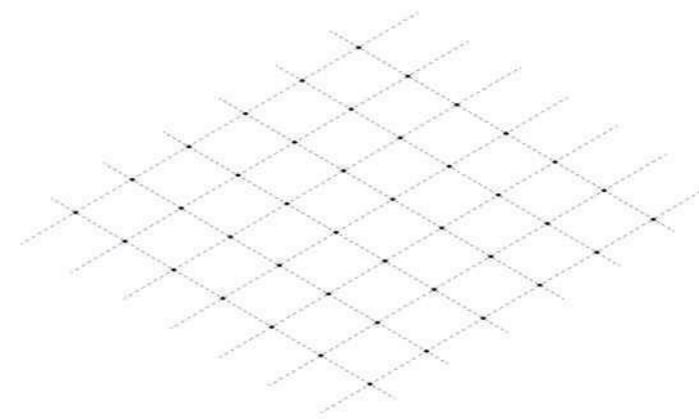


Localizado próximo à Igreja Matriz de Santa Rita e quase em frente à parada de VLT “Santa Rita-Pretos Novos” o vazio urbano em questão é constituído por três sobrados coloniais ocados, atualmente utilizados de forma conjunta como estacionamento rotativo. Sua fachada apresenta algumas pichações mas de modo geral o estado de conservação da fachada é bom, enquanto as esquadrias possuem danos reparáveis e as telhas francesas que compõe o telhado aparentam estar em boas condições.

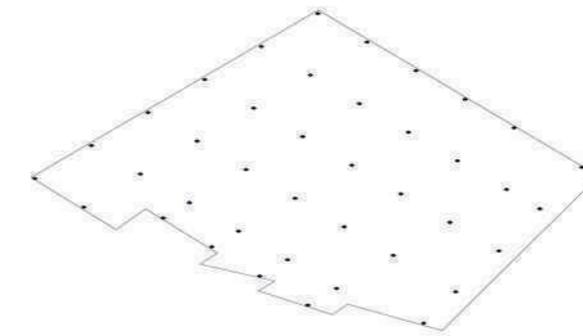
A área a ser trabalhada possui um somatório de testada de aproximadamente 25,5m e uma profundidade média de 20m, compondo uma área quadrada de 578,4m².

Vista Frontal
Av. Marechal Floriano, n 7, 8 e 9

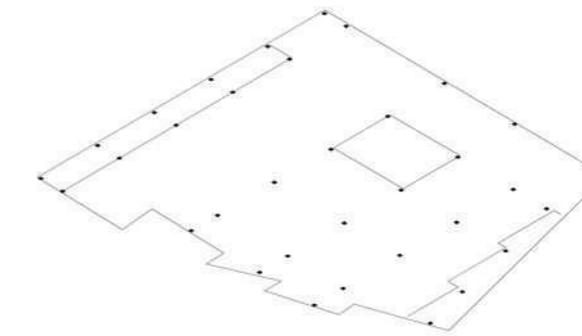
Propõe-se a utilização de estrutura metálica, com pilares de 25x25cm, partindo de um grid regular de 4,5m por 4,5m. Foram realizadas alterações ao formato desse grid a fim de melhor se encaixar ao formato do lote e às aberturas realizadas (pátios), e ainda às aberturas existentes das fachadas de cada lote.



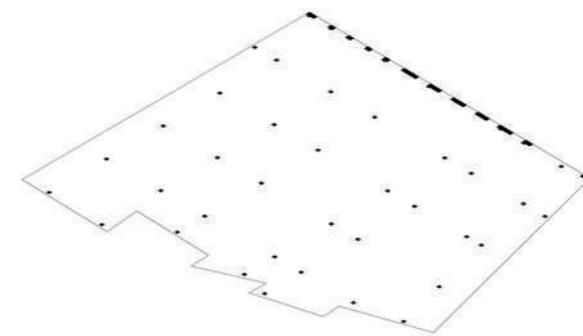
GRID ESTRUTURAL DE 4,5M X 4,5M



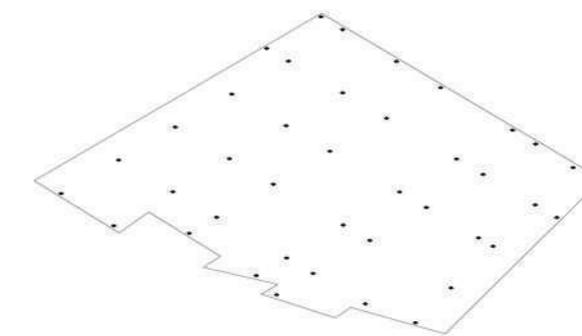
ADEQUAÇÕES AO FOMATO DO LOTE



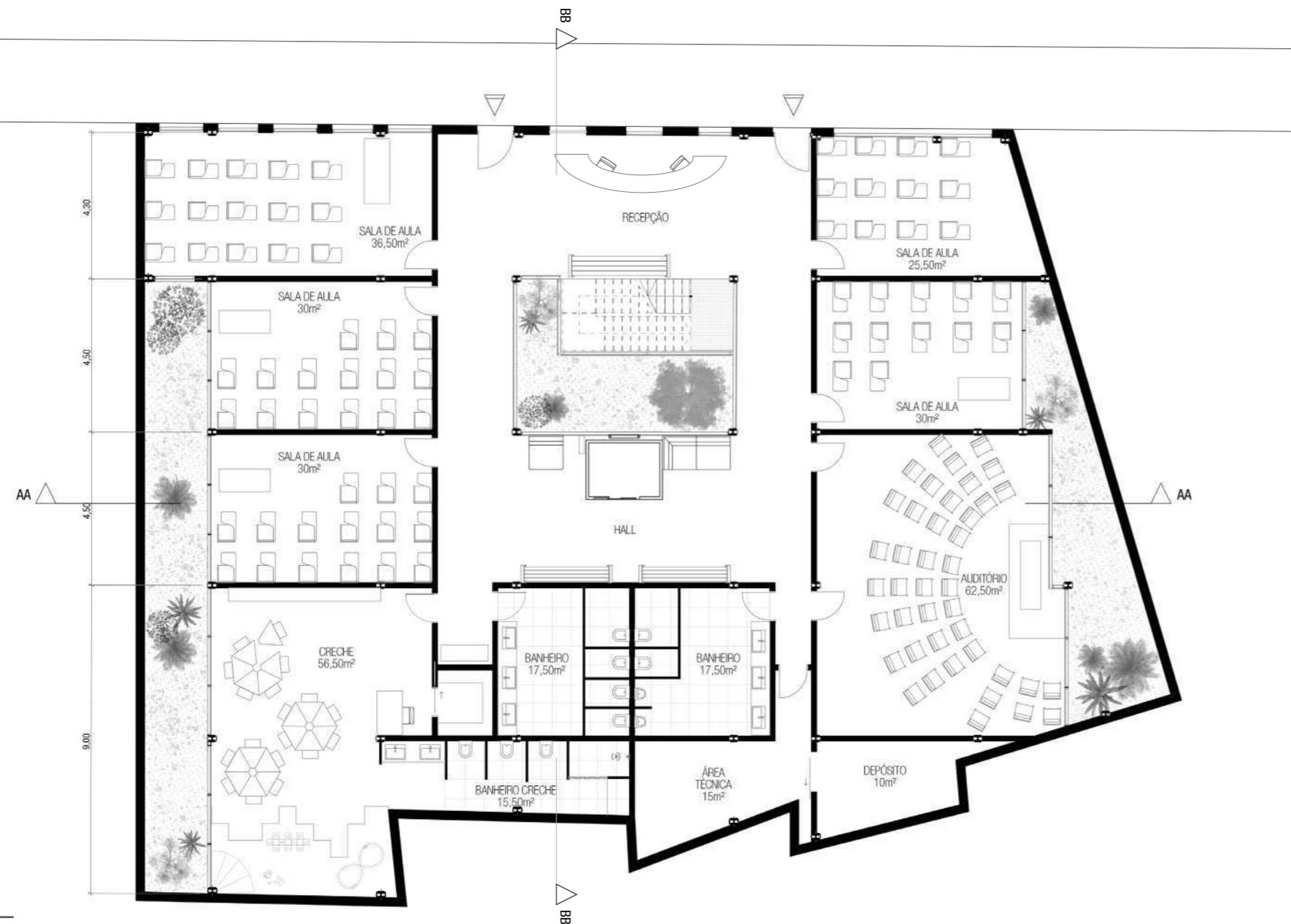
INSERÇÃO DE RASGOS - PÁTIOS



ADEQUAÇÃO A RITMO DE FACHADA



ESTRUTURA FINAL

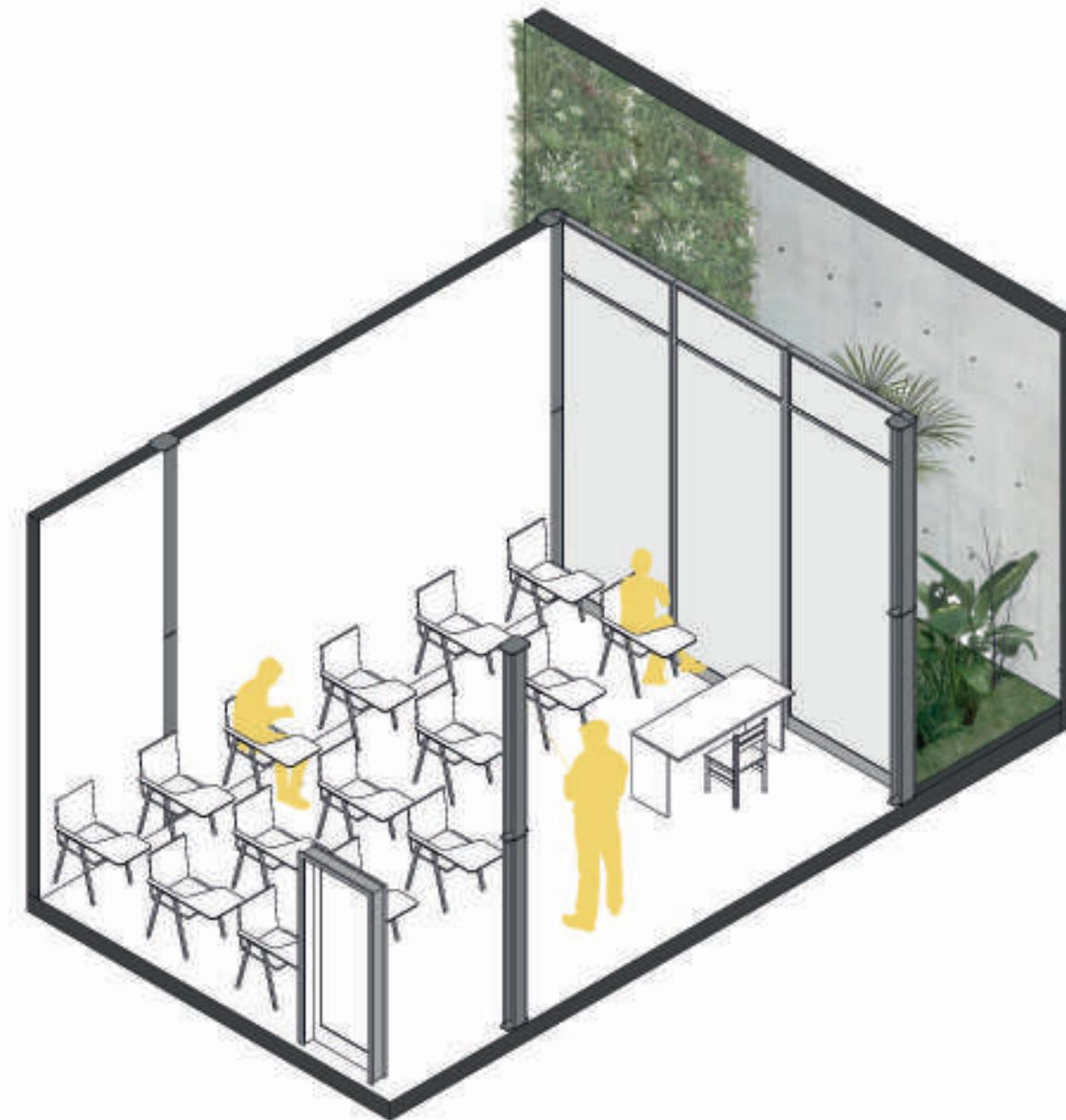


O térreo foi concebido a fim de abrigar o programa “Educar” de modo que possui caráter público com um pátio central e pátios laterais inseridos para melhor ventilar a edificação.

Próxima ao acesso se encontra a área de recepção, ladeada por salas de aula e ainda por um auditório e uma creche. A creche em si foi concebida para uma faixa etária de 3 a 6 anos de idade, e é capaz de comportar 15 crianças, dimensionamento concebido a partir de um espaço mínimo de 2m² por criança. Possui um layout aberto, com área de brincar na parte inferior, mesas para atividades ao meio, juntamente com um armário de armazenamento, e ainda banheiro próprio com bacias sanitárias adequadas, chuveiro e trocador.

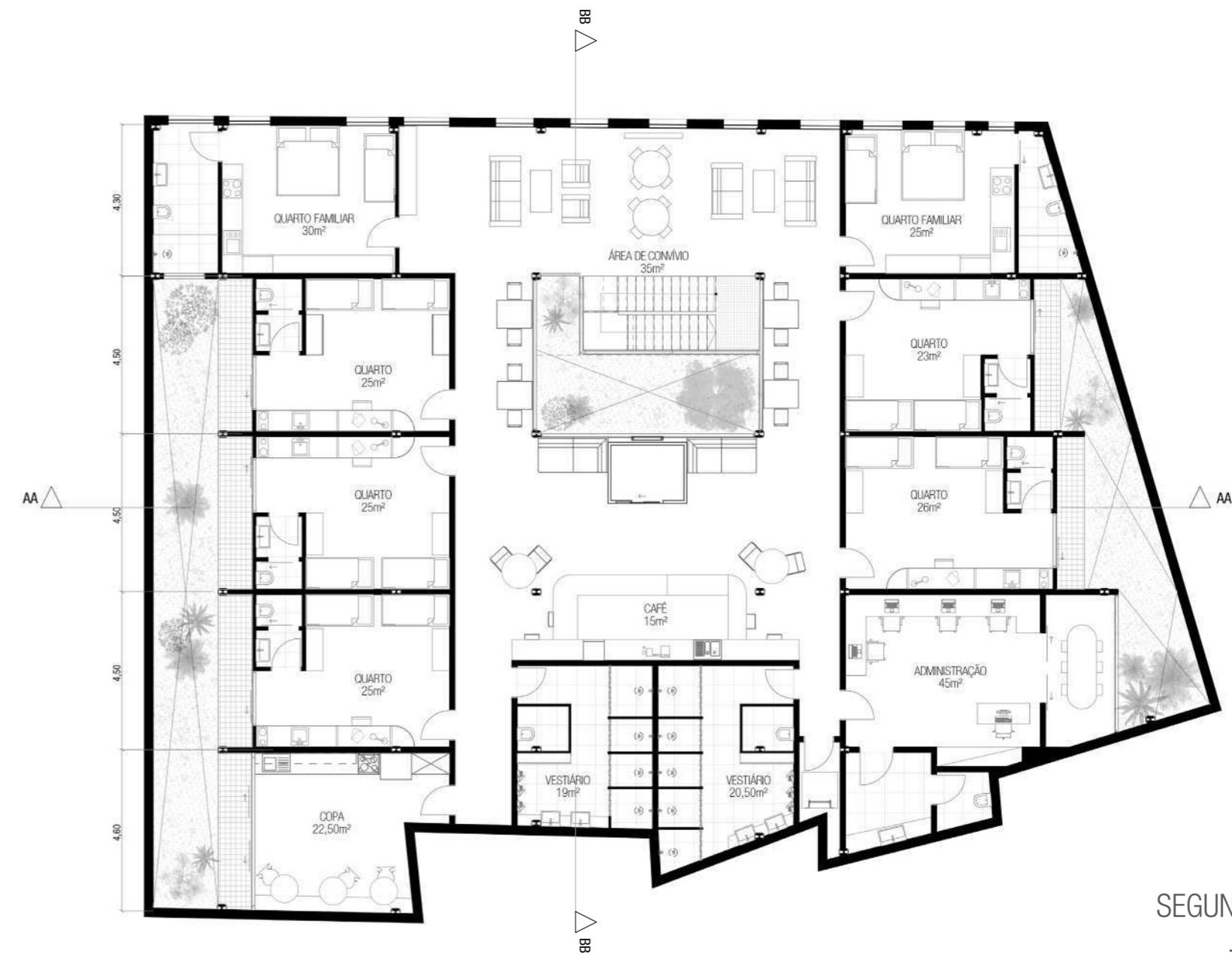
O auditório possui 44 lugares dispostos radialmente em torno de um palco com capacidade para até 3 palestrantes.

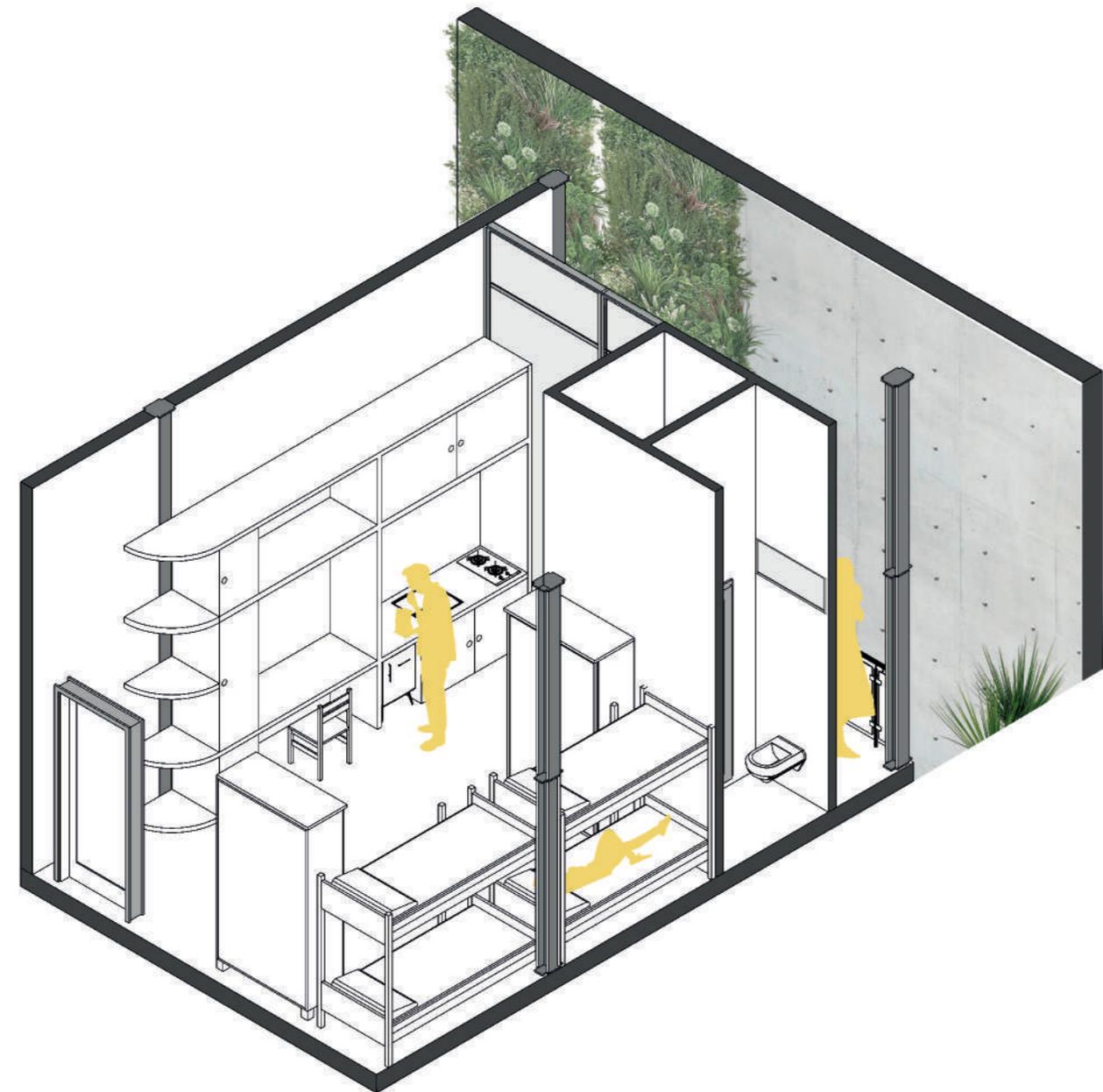
Ao lado podemos visualizar melhor a espacialidade das salas de aula, ao todo são 5 (cinco) salas de aula que possuem em média 30m² e capacidade para 15 alunos cada. A parede adjacente ao pátio lateral em cada uma é composta por uma grande esquadria de piso a teto que ilumina o ambiente com luz natural. Nas salas de aula próximas à fachada tal iluminação é oriunda das aberturas já existentes.



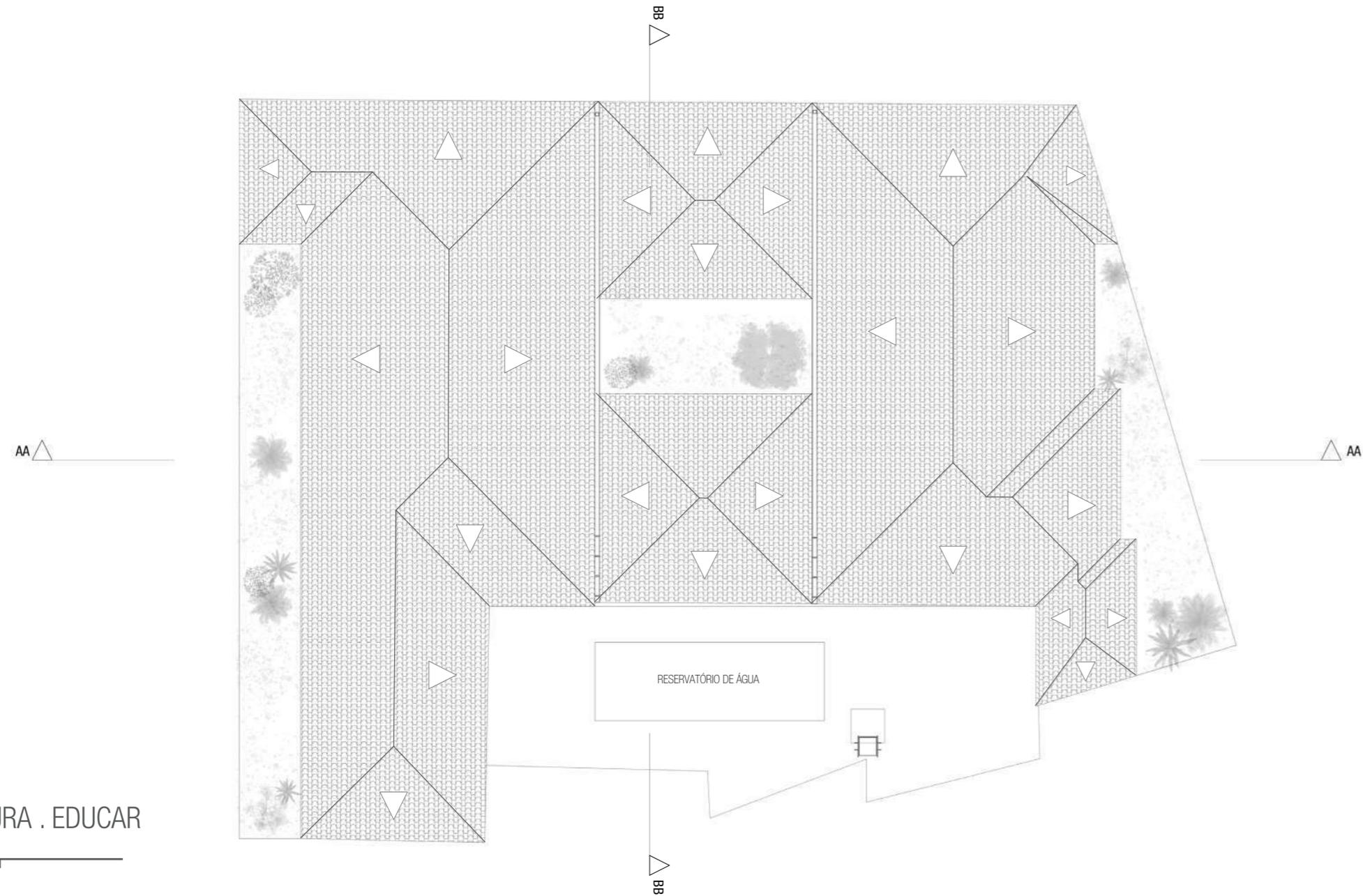
No pavimento superior está situada a moradia temporária, com duas modalidades de quartos -familiar e compartilhado- área de convívio, vestiário, copa e ainda um pequeno café. Nesse pavimento situa-se ainda a área de administração, com sala para reuniões e banheiro próprio.

Ao todo são sete quartos, dentre os quais cinco compartilhados e dois familiares, totalizando uma capacidade de 28 pessoas. A área de convívio está situada próxima à fachada e ao pátio central e possui sofás, poltronas e mesas para que os moradores possam interagir entre si e se familiarizarem uns com os outros, podendo ainda utilizar as mesas como área de estudo ou de reunião.





A unidade de quarto compartilhado foi desenvolvida para migrantes refugiados que entraram no país sozinhos possui 25m² e é composta por 2 beliches com armários individuais e um lavabo a ser dividido por seus ocupantes, além de uma pequena sacada externa que compõe uma área de convivência mais íntima. Possui ainda um apoio para refeições rápidas, com cooktop de duas bocas, pia e um frigobar, além de uma bancada de estudo.



COBERTURA . EDUCAR



CORTE TRANSVERSAL BB . EDUCAR



CORTE LONGITUDINAL AA . EDUCAR

Na fachada propõe-se a inserção de esquadrias metálicas de perfil recuado no térreo, com vidro jateado leitoso, a fim de substituir o fechamento atual de tais aberturas. Destaca-se ainda a presença de um totem informativo com a descrição dos lotes que pertencem ao Programa de Socialização proposto, juntamente com suas funções.

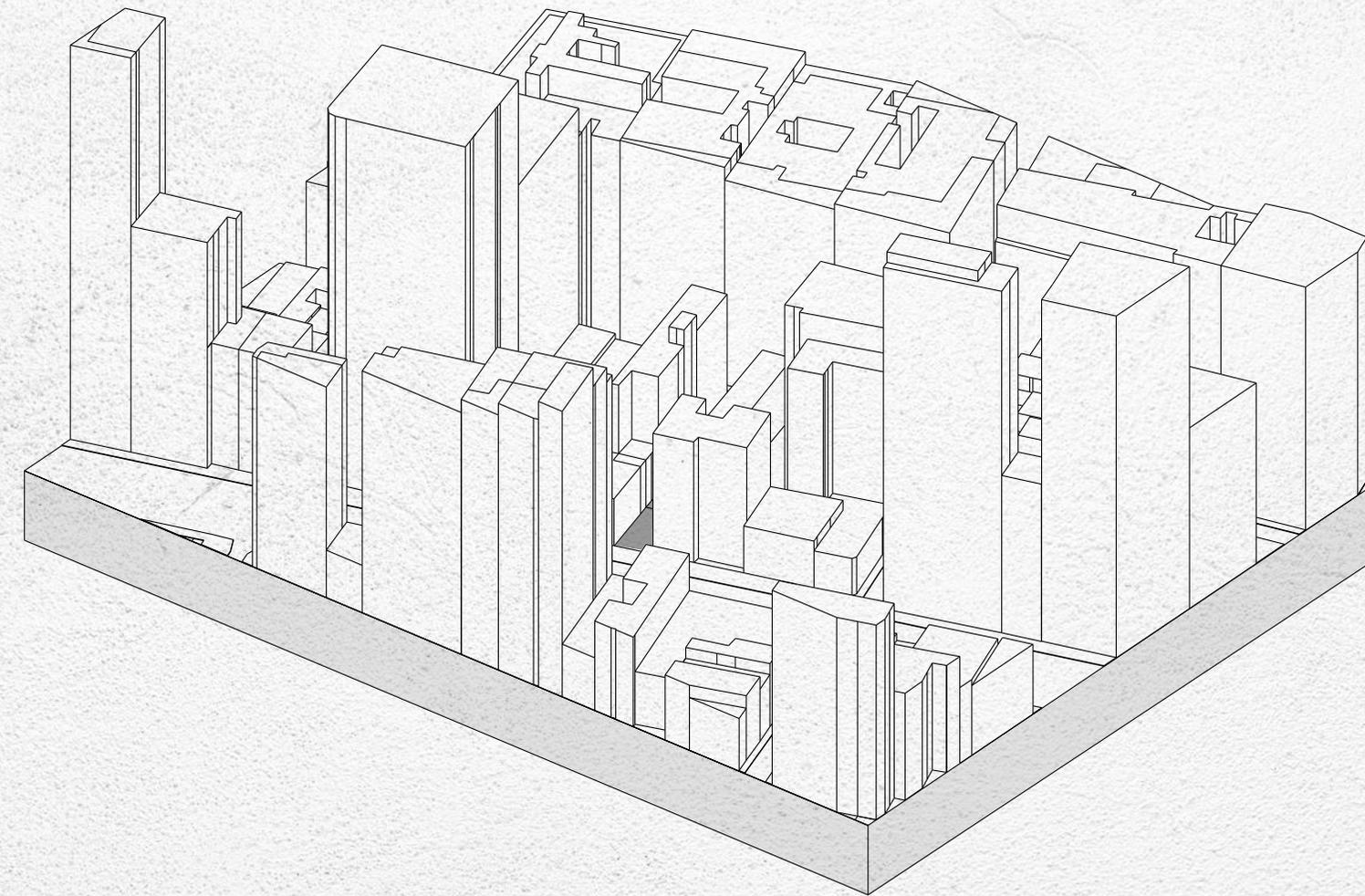
Em termos de acabamento propões o descacamento da camada de revestimento afim de expor a estrutura de tijolo original, conferindo deste modo um senso de unidade entre os sobrados trabalhados.



PROJETO TROCAR

O programa “Trocar” está inserido em um conjunto de dois lotes, o lote n46 localizado na R. Teófilo Otoni e o lote n63 da R. Visconde de Inhaúma. O conjunto foi escolhido por conta da conexão entre as duas ruas e da sua potencialidade de ser utilizado enquanto galeria, ambos nos sentidos de local de passagem quanto de local de exposição.

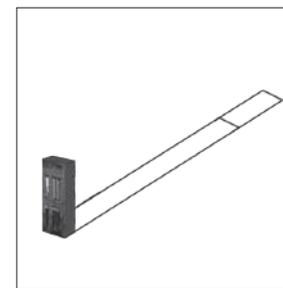
Possui um conjunto de 6 unidades habitacionais, térreo galeria, coworking e lavanderia.



O vazio urbano em questão, consiste em dois lotes, utilizados de forma conjunta como estacionamento rotativo, possui uma testada de 6,9m e um comprimento aproximado de 55m, compondo uma área quadrada de 104,3m².

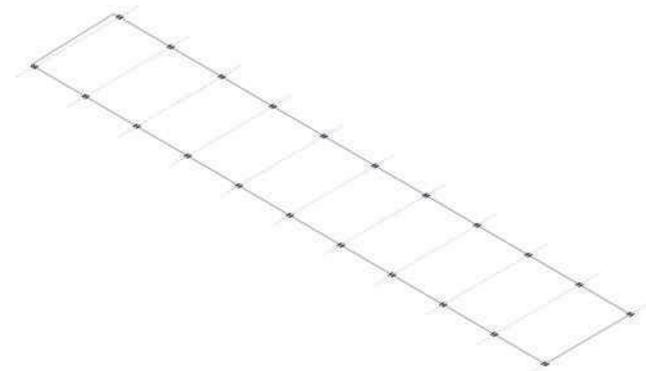
O lote n63, de frente para a R. Visconde de Inhaúma, não apresenta fachada ou volumetria qualquer, possuindo atualmente apenas um portão em grade de ferro com arame farpado ao topo.

Já lote n46, de frente para a R. Teófilo Otoni, possui uma fachada de sobrado antiga e não possui acesso, tendo sido fechado para o uso de estacionamento. Se encontra em estado um de conservação ruim e não possui esquadrias superiores.

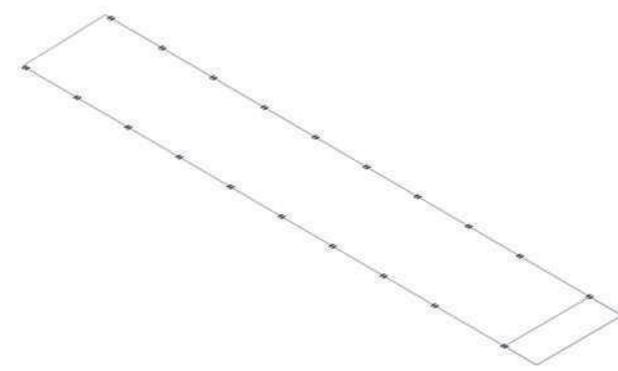


Vista Frontal
R. Visconde de Inhaúma, n 63
R. Teófilo Otoni, n 46

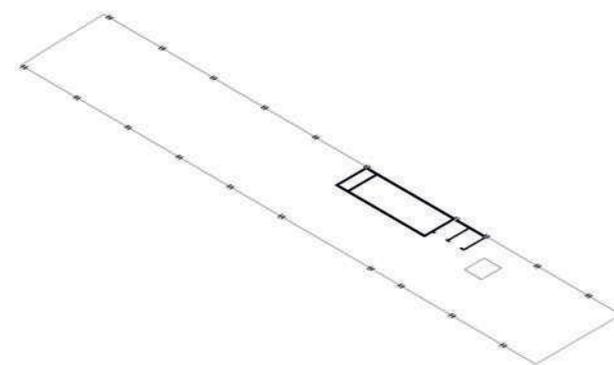




GRID ESTRUTURAL DE 4,5M



AFASTAMENTO DA FACHADA EXISTENTE

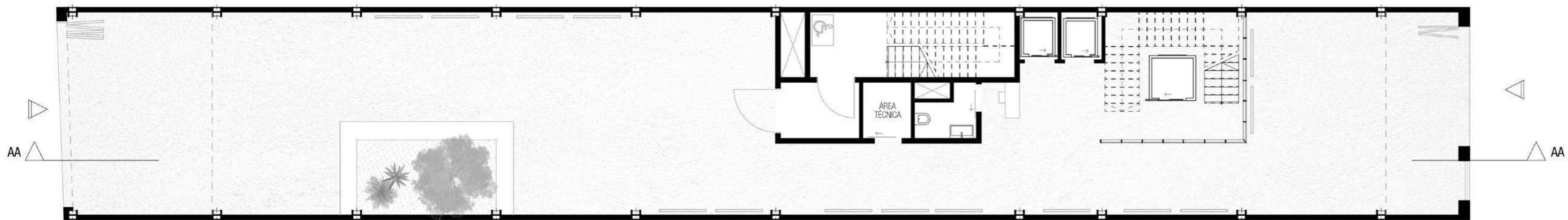


ADEQUAÇÃO À CIRCULAÇÃO VERTICAL



ESTRUTURA FINAL

Se valendo novamente de um grid de 4,5m, se inserem pilares metálicos de 30x30cm distribuídos respeitando a testada do terreno. Essa malha estrutural é adequada de modo a cumprir a premissa projetual de afastamento das fachadas existentes, e posteriormente alterada para melhor comportar o bloco de circulação vertical.



TÉRREO GALERIA - TROCAR

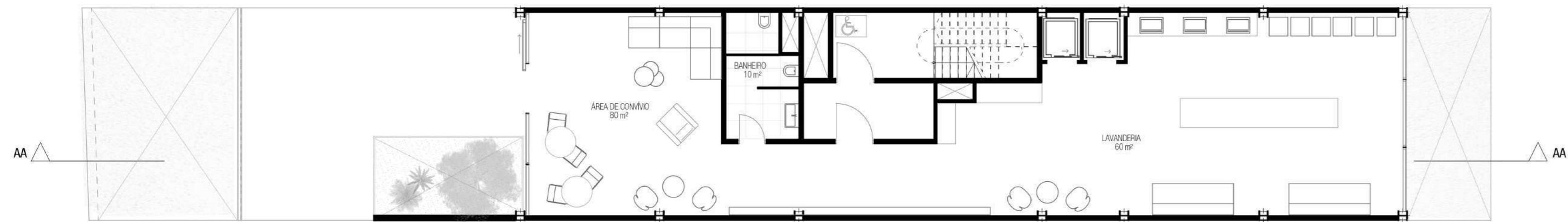
A premissa inicial de projeto parte de um térreo livre, com o bloco de circulação vertical e presença de um pátio. Tal bloco de circulação é dividido entre circulação residencial, restrito à moradores, e circulação semi-pública, de acesso ao segundo pavimento, o coworking. Ambos os acessos possuem um mesmo controle, com presença de porteiro e banheiro próprio para uso de funcionários. Se propõe a disposição de expositores verticais para que a população migrante possa expor sua produção, sejam pinturas, tapeçarias, artesanato ou ainda culinária, em barracas desmontáveis.

Saliento aqui que o ambas as fachadas possuem fechamento em porta camarão de modo que serão fechadas durante a noite, com acesso restrito à moradores.

O segundo pavimento é de uso público, comportando um espaço de coworking e ateliê ambos para o migrante em estado de refúgio quanto para o indivíduo local. Possui dois banheiros, área de depósito diversos locais para trabalho individual ou em grupo e uma área quadrada média de 170m², podendo somente ser acessado através da circulação vertical semi-pública, no térreo. A proposta é que esse volume seja solto das fachadas de limite do terreno, a fim de romper a forte linearidade, com “pontos de respiro” ao longo do percurso térreo, o que é evidenciado em planta.



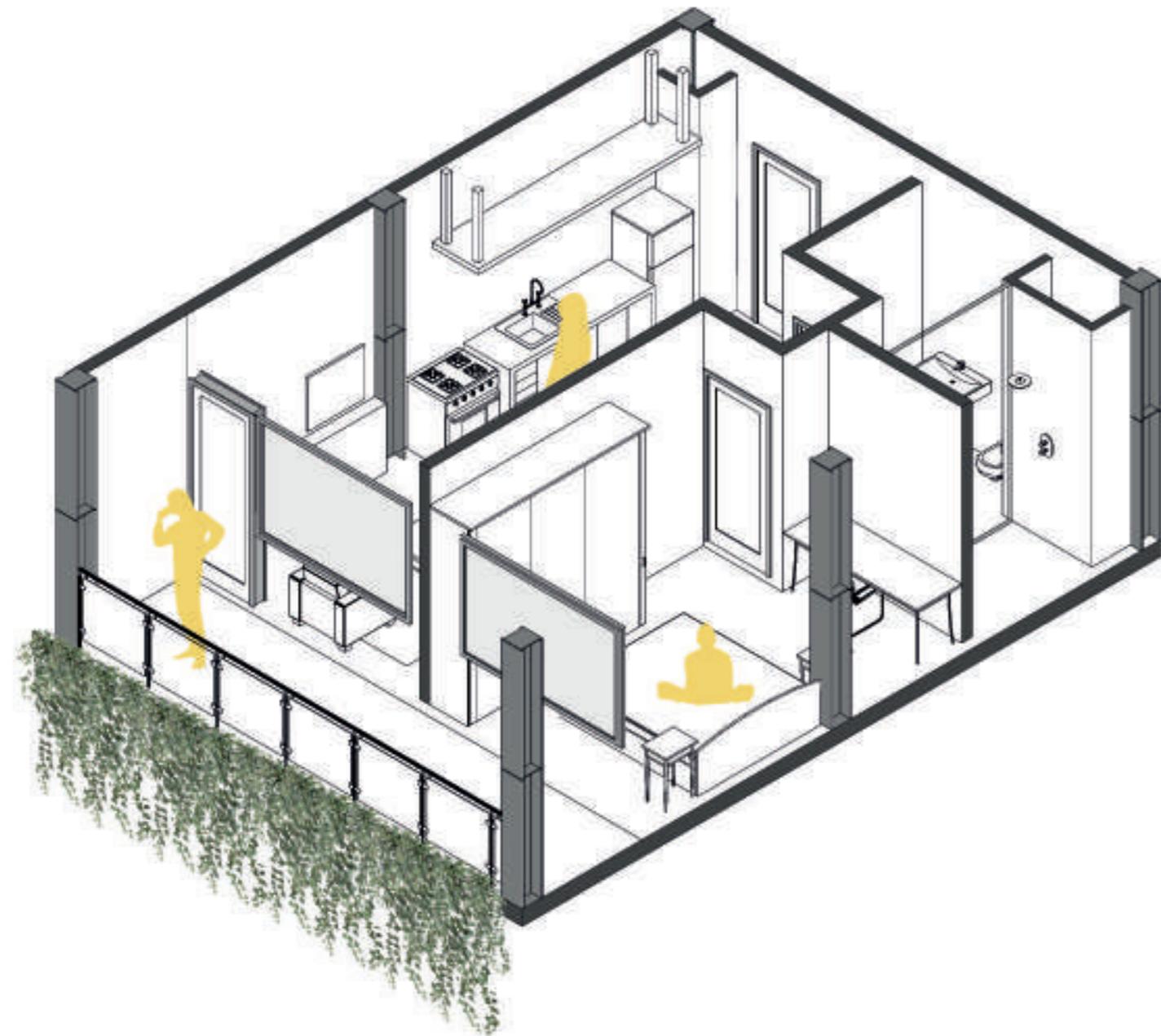
SEGUNDO PAVIMENTO - TROCAR



O terceiro pavimento é de uso dos moradores, possuindo área de convivência, com mesas, sofás e poltronas com acesso para o terraço próximo ao pátio, além de lavanderia comum, com tanques, máquinas de lavar e secar, bancada para dobrar roupas, área de espera e máquina de lanches.



PAVIMENTO TIPO (4PV AO 6PV) - TROCAR



O pavimento tipo é composto por duas unidades habitacionais, quarto e sala, cada uma com metragem de 55m². Possui quarto de 14m², com área para home office, cozinha e jantar com 12m², uma sala de 15m², banheiro de 5,5m² além de varanda externa.

Ao lado podemos visualizar a espacialidade da unidade habitacional, com a presença de canteiros externos. A inserção de tais unidades se dá visando a cobrança de um aluguel social para compor financeiramente com o custo do Programa de Socialização, podendo ainda serem alugadas por refugiados pertencentes ao próprio programa.



PAVIMENTO TÉCNICO- TROCAR

CORTE LONGITUDINAL AA - TROCAR





Perpsectiva Externa - Térreo Fechado
R. Teófilo Otoni, n 46
Colagem sobre Foto

Na fachada existente, de frente para a R. Teófilo Otoni, propõe-s-e o descasamento da camada de revestimento para expor a estrutura de tijolos maciços, processo já em ação. Ademais, presença de totem informativo similar ao da unidade “Educa” descrito anteriormente, destacando os programas inseridos em cada unidade que compõe o conjunto. Nas aberturas superiores propõe-se a inserção de perfis metálicos simples com fechamento de gradil metálico em tom similar à sua moldura. A ideia é que não se restrinja a circulação de ar no lote.

O volume vertical é marcado pela estrutura metálica em destaque, com presença de canteiros nos pavimentos habitacionais e recuo de fachadas.





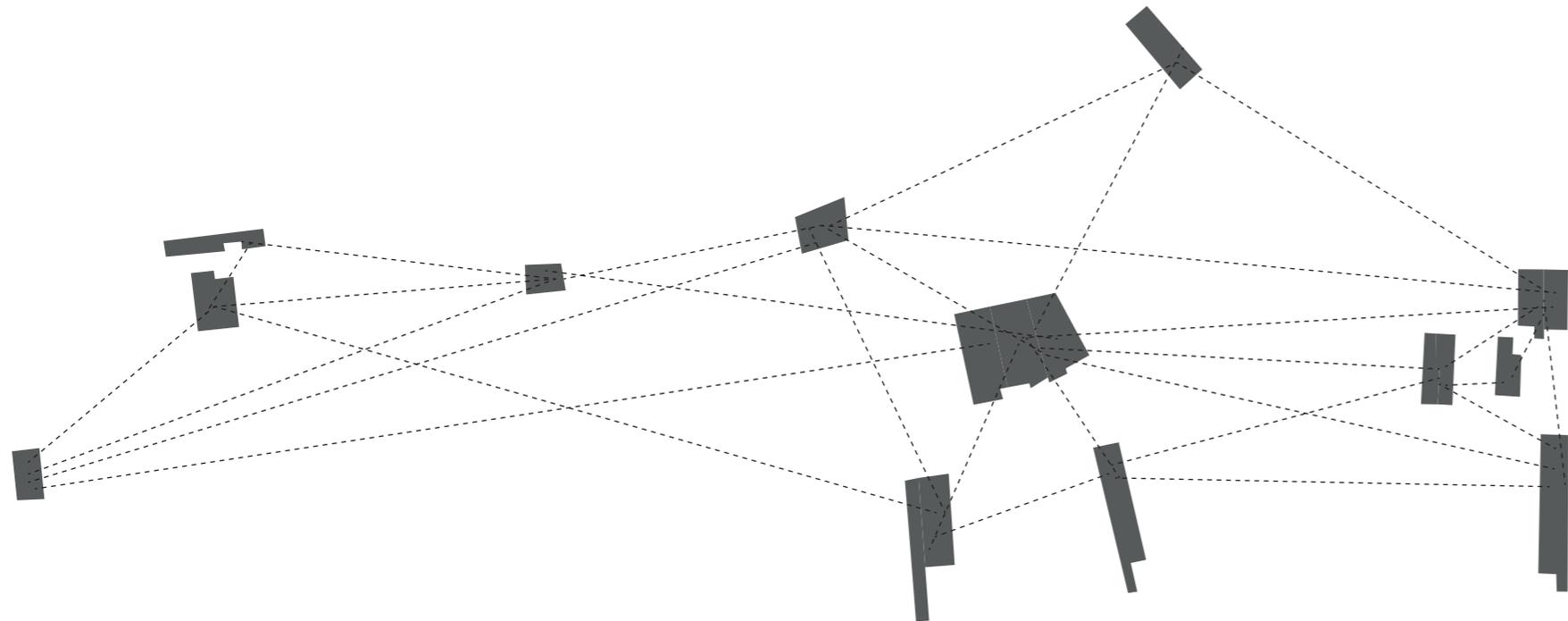
Na fachada de frente à R. Visconde de Inhaúma propõe-se a criação de uma fachada fixa superior em aço cortén, de modo a marcar a testada do lote e o início do percurso de galeria. O térreo será livre, fechado por completo durante o período da noite, através do uso de porta camarão.

O volume vertical superior possui mesmo tratamento que a fachada posterior, sendo marcado pela estrutura metálica em destaque, com presença de canteiros nos pavimentos habitacionais.

Perpsectiva Externa- Térreo Fechado
R. Teófilo Otoni, n 46
Colagem sobre Foto



CONCLUSÃO



Em suma proponho um Sistema de Inserção Social, a substituir o atual Programa de Interiorização, reestruturando-o de forma mais humana, otimizada e urbanamente favorável. O recorte escolhido trata não somente da recepção do refugiado mas também da potencialização do próprio Centro do Rio de Janeiro, ao passo que seu caráter de moradia rotativa é uma inserção suave e gradativa de habitação na área e as trocas culturais entre a população refugiada e local, para além do caráter assistencial, se mostram educativas e construtivas.

Enxerga-se, frente ao atual quadro de crise humanitária -com agravante pandêmico- a necessidade de empatia e cuidado. O desenvolvimento de um processo de re-socialização

para além do emergencial e provisório, sem o cerceamento de liberdades individuais e civis, que priorize o bem-estar do refugiado e a construção de sua autonomia. Muito se perde na redução estatística e numérica da realidade de vida de muitas pessoas. Existe aqui, acima de tudo, a necessidade de humanidade.

ACNUR. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

ACNUR. Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

BRASIL. Lei de Refúgio. Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm

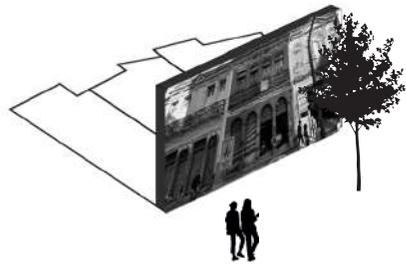
BRASIL. Estatuto do Estrangeiro. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do Estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm

UNHCR. Global Trends: Forced Displacement in 2018. 2018, vol. único.

SASSEN, Saskia “A Massive Loss of Habitat: New Drivers for Migration” 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304612390_A_Massive_Loss_of_Habitat_\]New_Drivers_for_Migration](https://www.researchgate.net/publication/304612390_A_Massive_Loss_of_Habitat_]New_Drivers_for_Migration)

HOVIL, Lucy “Refugees, Conflict and the Search for Belonging” 2016

EARLE, LUCY “Bringing urban refugees into local planning” 2020
”





REQUALIFICAR PARA ACOLHER o lugar do refugiado na urbe carioca

TFG II 2021.1 BEATRIZ DE MELO AMEIDA FONSECA, ORIENTAÇÃO JAMES MIYAMOTO

INTRODUÇÃO AO TEMA



O Estatuto do Refugiado define refugiado como: "pessoa que, como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, e devido a fundados temores de ser perseguido por motivos de raça, religião e nacionalidade ou opinião política, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em razão de tais temores ou razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira receber a proteção desse país, ou que, por carecer de nacionalidade e estar fora do país onde antes possuía sua residência habitual não possa ou, por causa de tais temores ou de razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira regressar a ele."

ACNUR - 79,5 milhões

. 6 milhões refugiadas

.4,2 milhões solicitantes de refúgio.

CASO BRASIL

. Dezembro de 2019 - 6 mil refugiados

. Junho de 2020 - 48 mil refugiados

. Crise Venezuelana

. Boa Vista e Pacaraima, RR

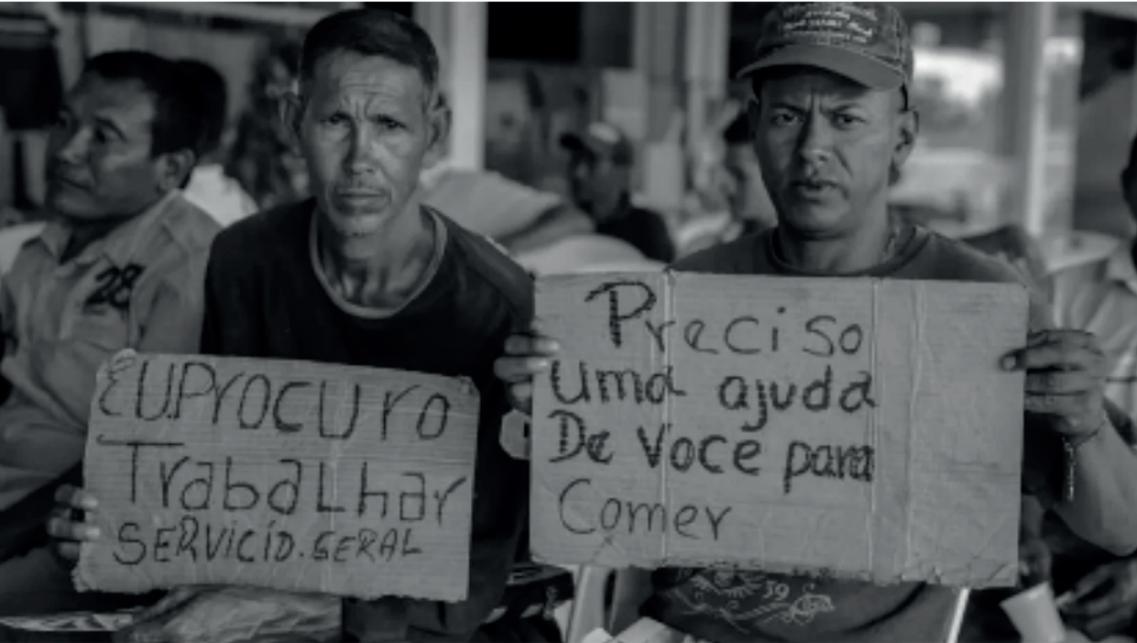
. 13 abrigos emergenciais

. Operação Alhida - Exército Brasileiro

. Interiorização, 2018



SITUAÇÃO ATUAL



. Março de 2020 - fechamento de fronteira

. Junho de 2021 - reabertura

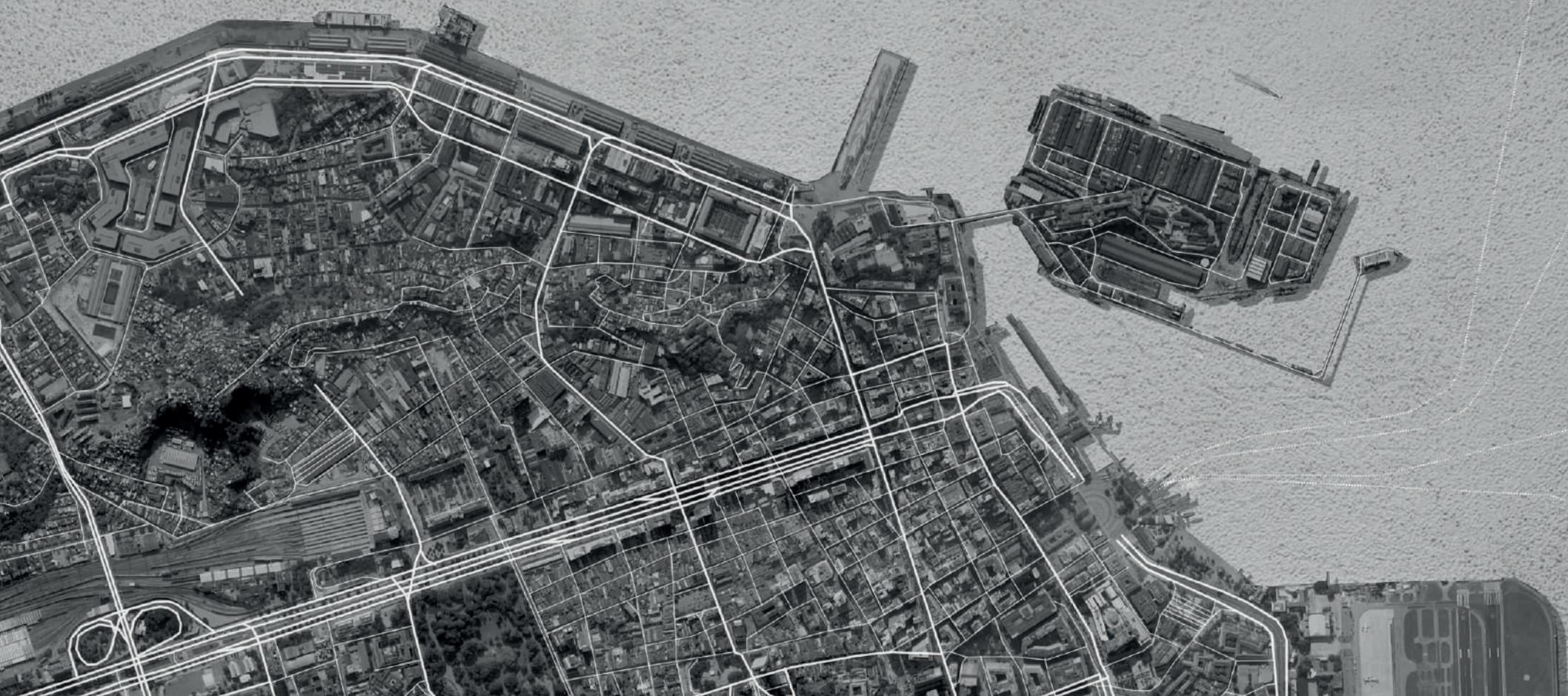
. 7.082 pessoas em situação de vulnerabilidade social entraram no país pelas cidades fronteiriças

. Julho de 2021 - inaugurado o 14º abrigo do estado: Rondon IV.

. "a maioria delas passa mais de 16 anos vivendo em estruturas temporárias."

Comissariado das Nações Unidas do Quênia

0 RECORTE



. ACNUR -60% da população refugiada reside nas cidades categorizados como refugiados “auto-estabelecidos” ou “grupos espontâneos” (Hansen, 2007, p.40).

. James Leon-Dufour, arquiteto e oficial do ACNUR, “ambos social e espacialmente, refugiados tendem a criar um tipo de componente cola em uma cidade, preenchendo lacunas e amarrando pontas soltas” (LEON-DUFOUR, James 2017)

ENTORNO



MATRIZ DE SANTA RITA

IGREJA CANDELÁRIA

PARADA VLT

COLÉGIO PEDRO II

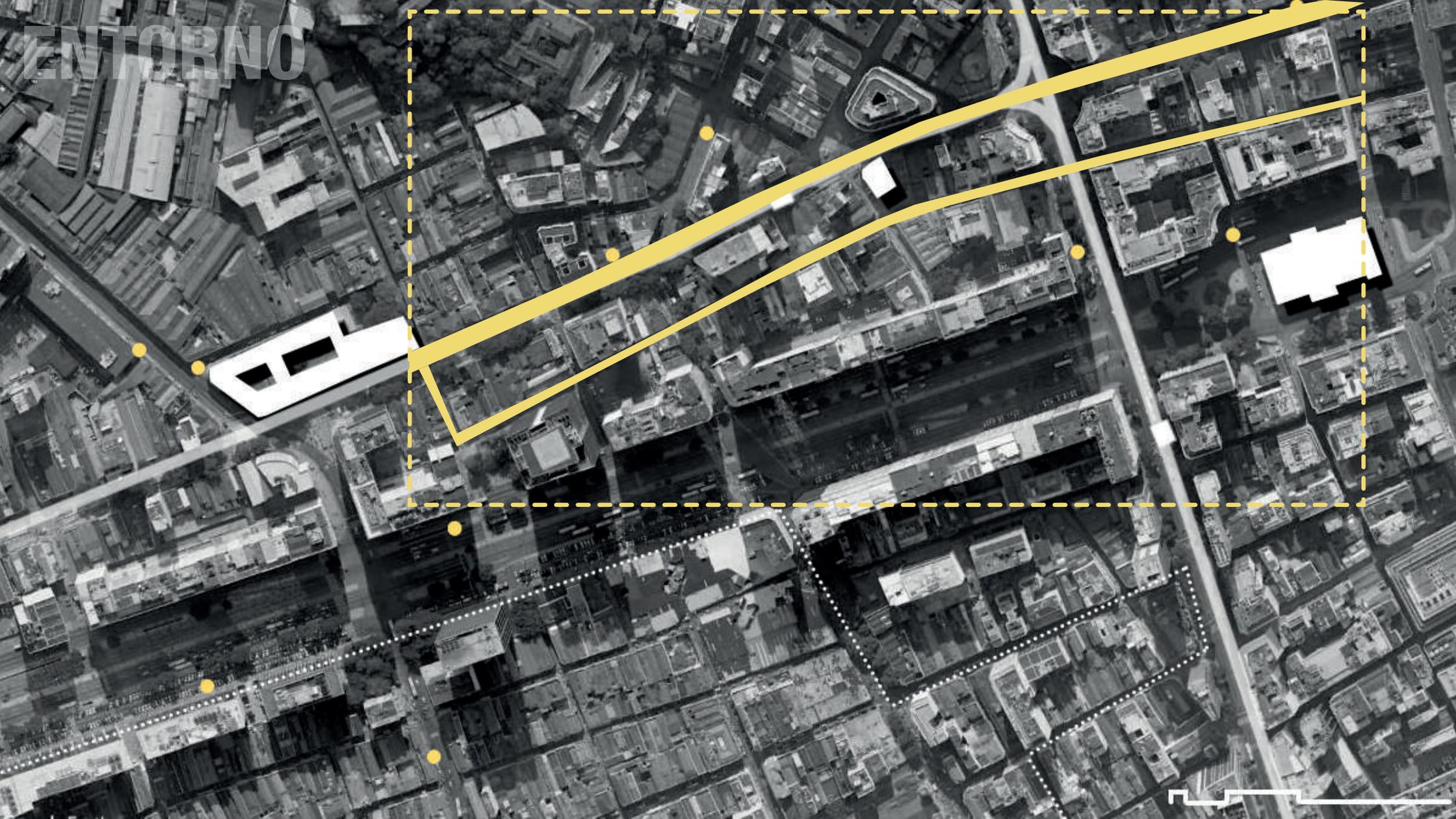
PARADA VLT

MERCADO SAARA

METRÔ URUGUAIANA

CORREDOR CULTURAL - SAARA

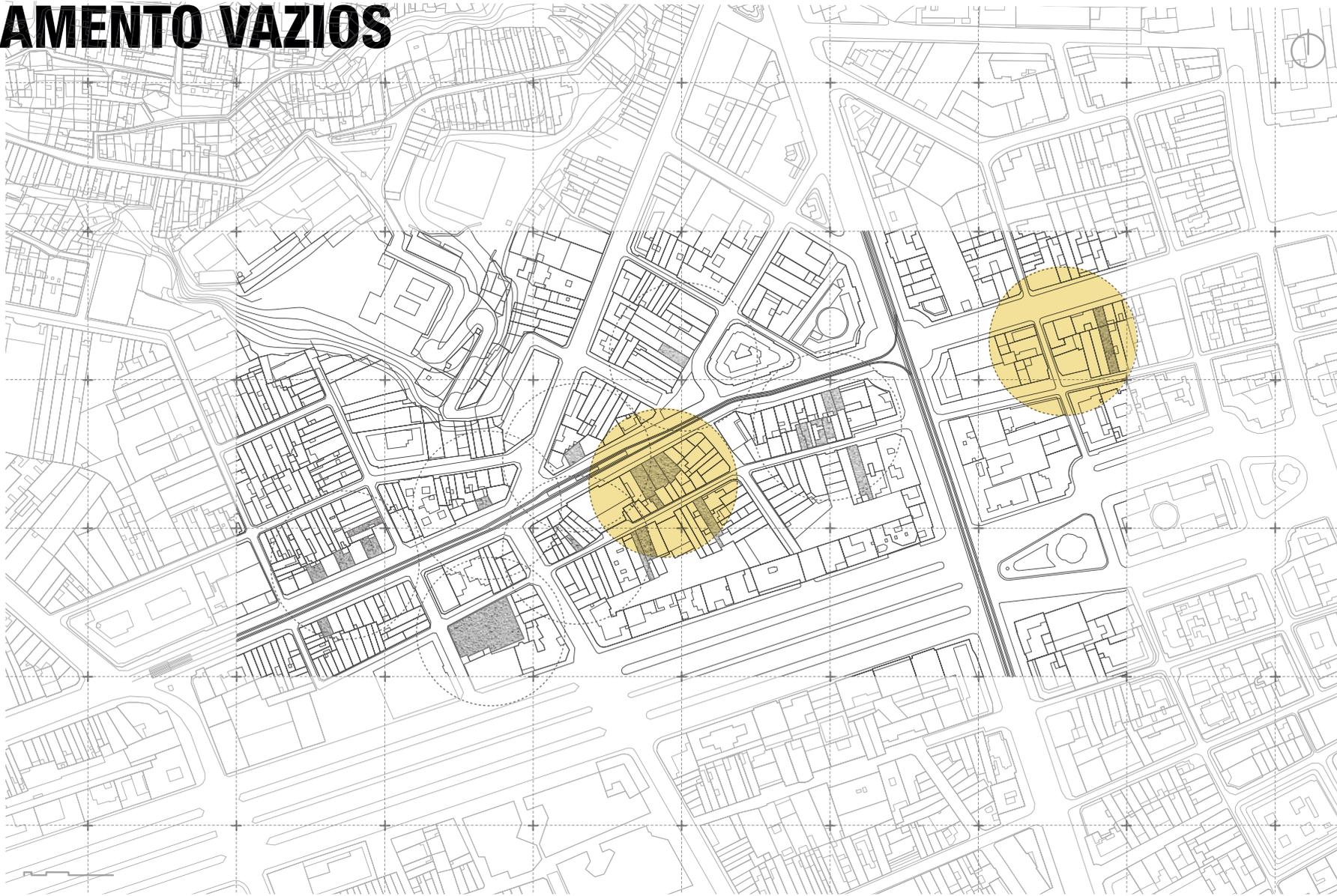
ENTORNO



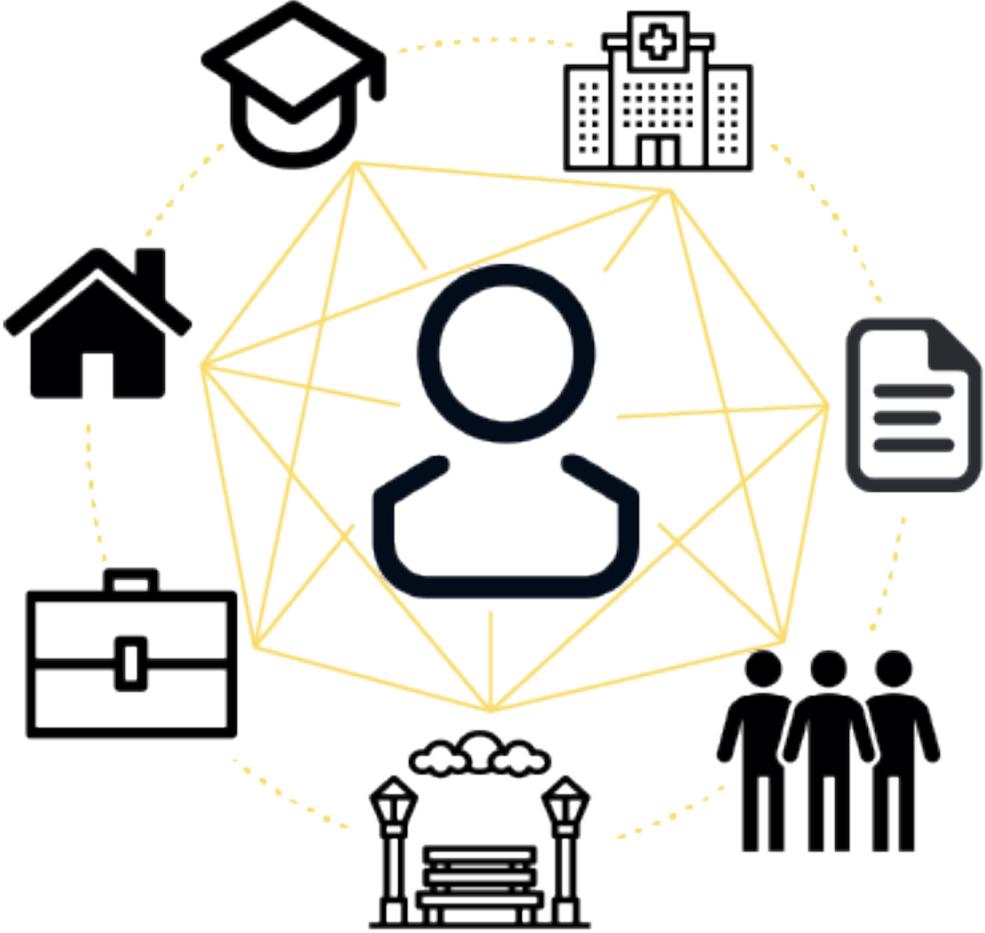
MAPEAMENTO VAZIOS



MAPEAMENTO VAZIOS



0 PROGRAMA



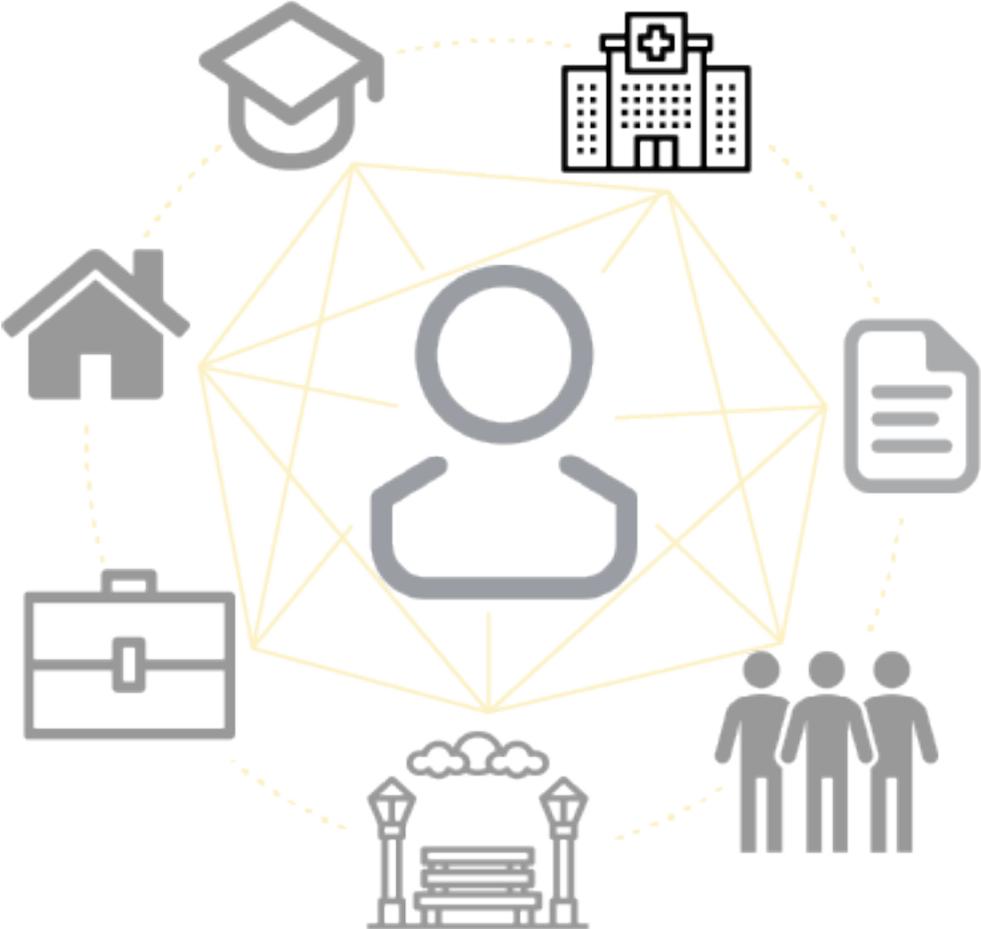
DOCUMENTAR



ACOLHER



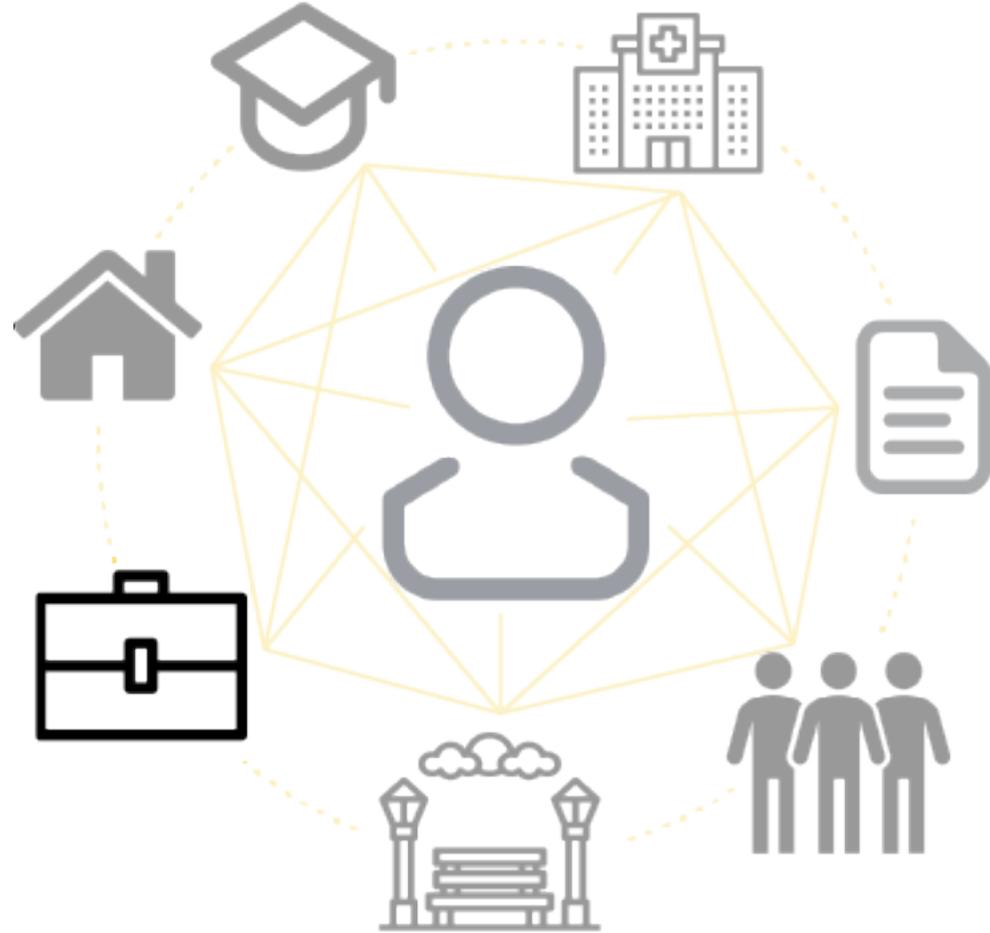
CUIDAR



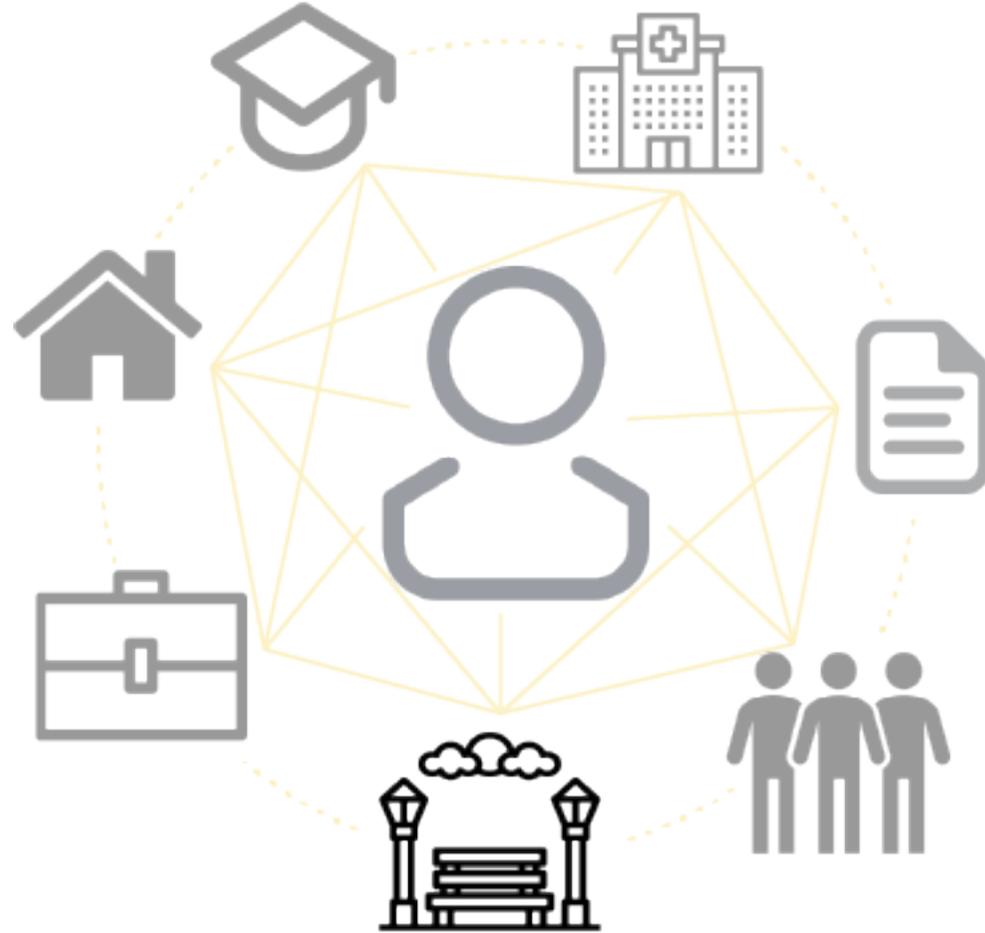
COMUNICAR



EDUCAR

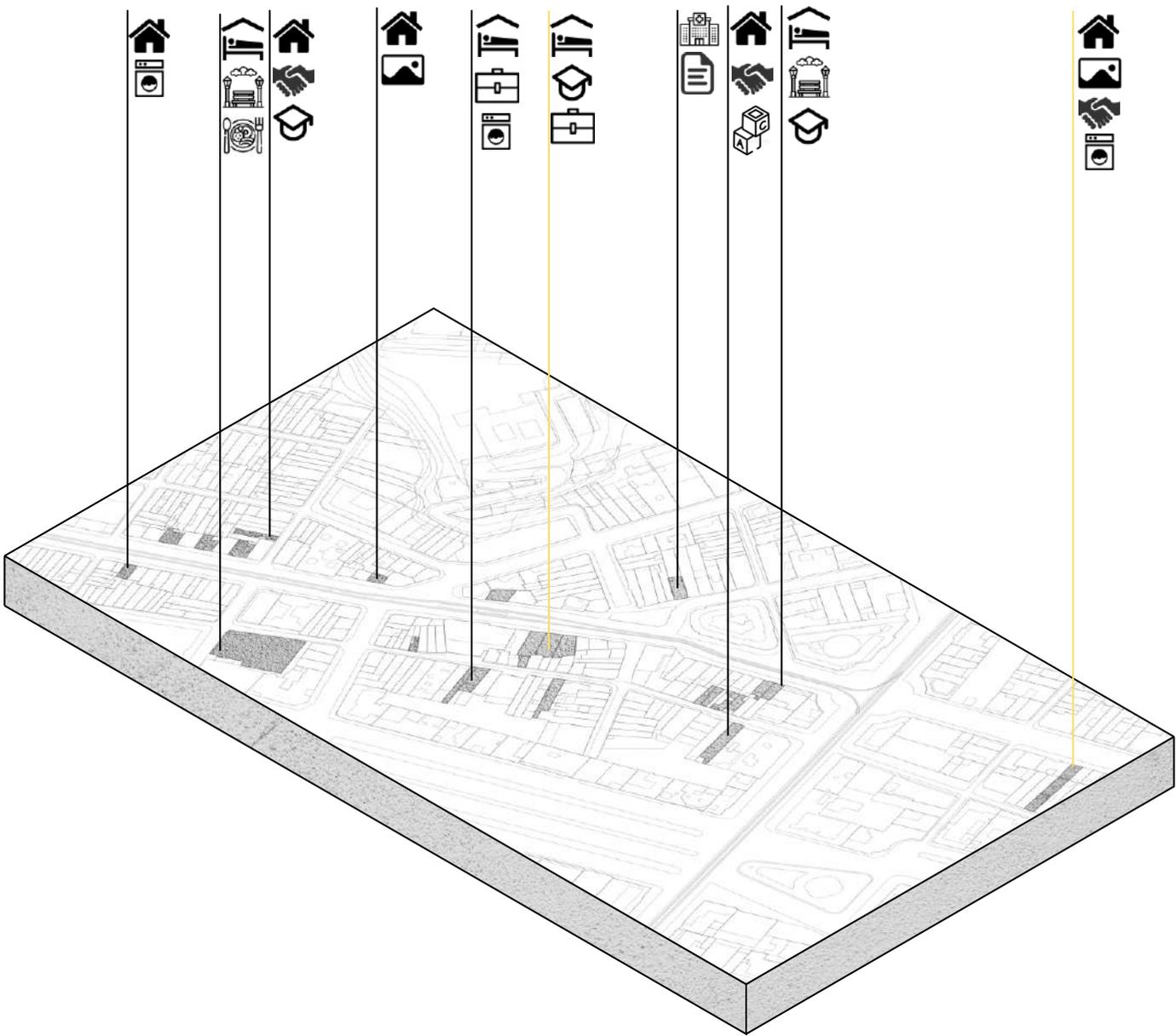


TROCAR



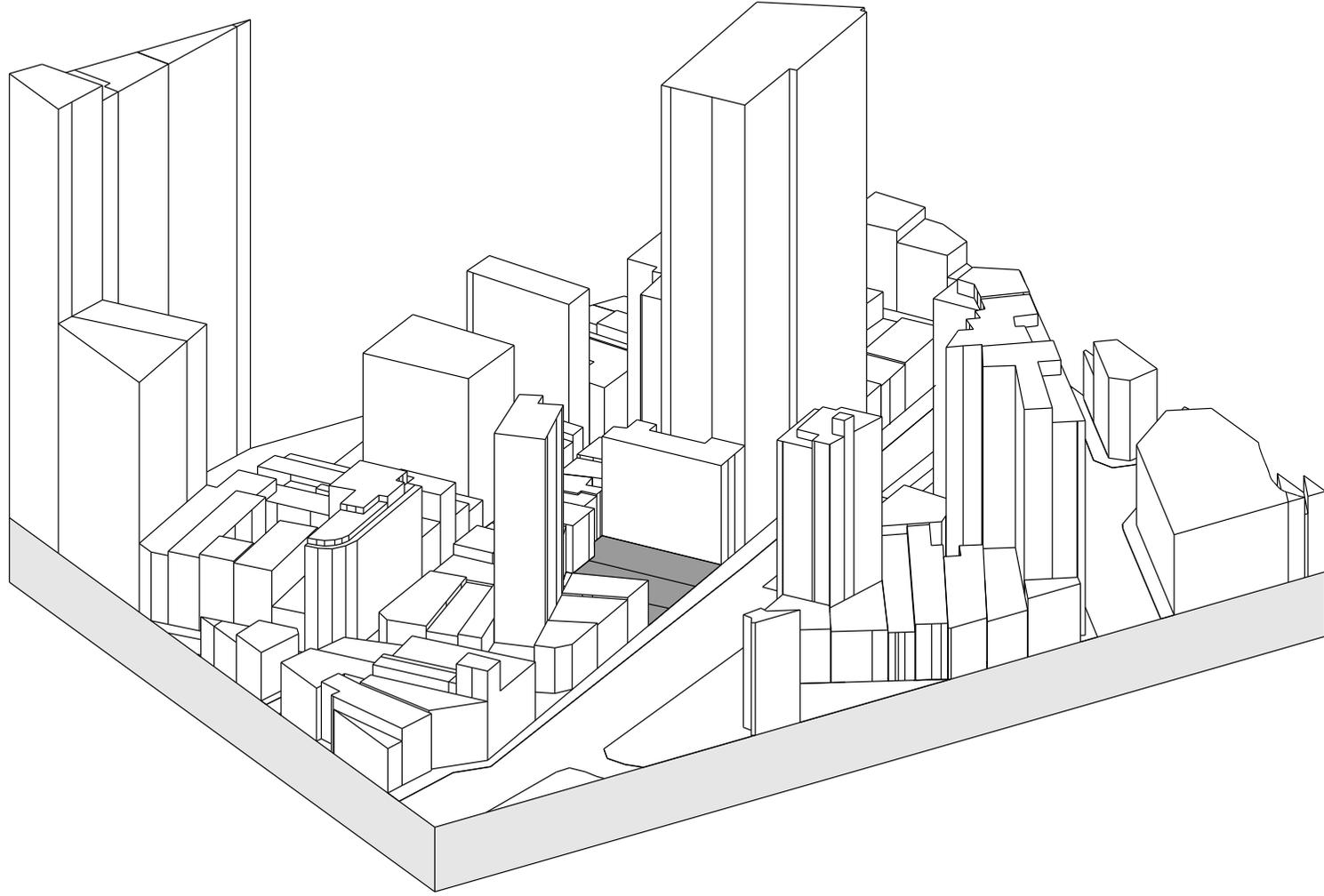
INTEGRAR

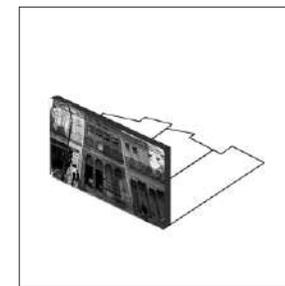
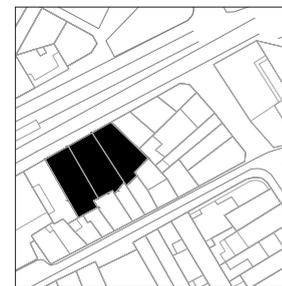




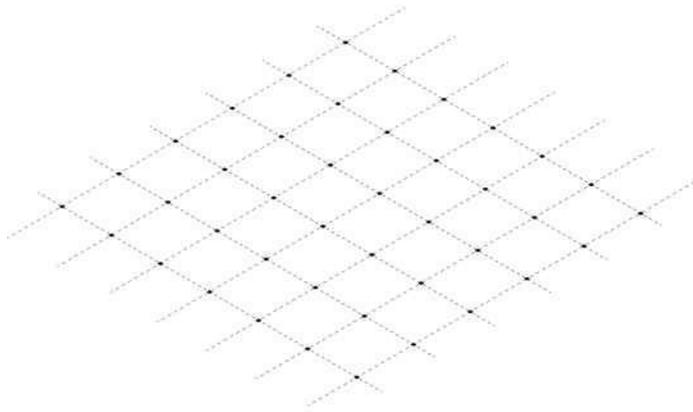


PROJETO EDUCAR

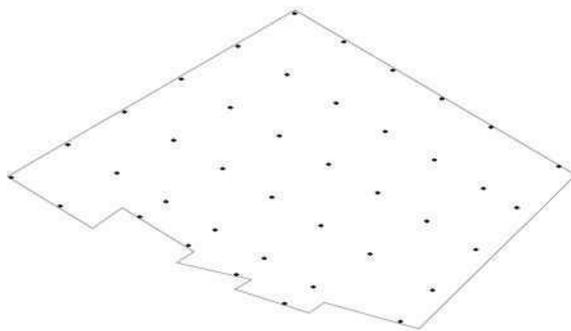




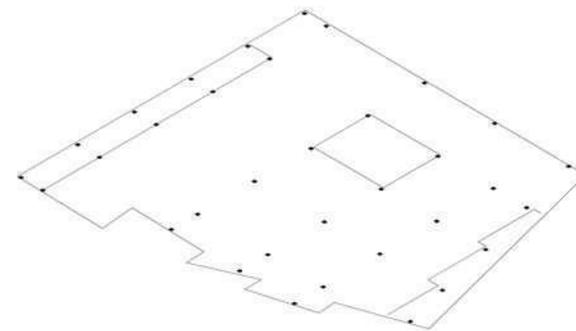
Vista Frontal - Situação atual
Av. Marechal Floriano, n 7, 8 e 9



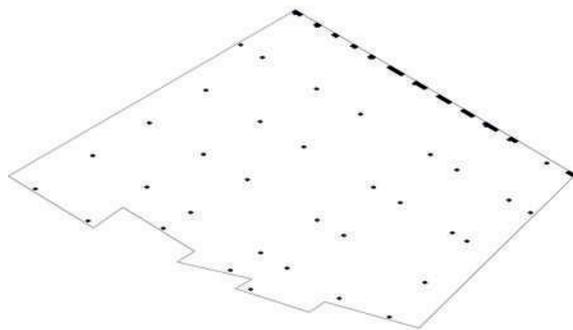
GRID ESTRUTURAL DE 4,5M X 4,5M



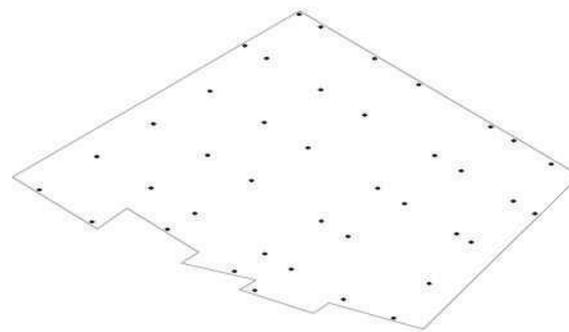
ADEQUAÇÕES AO FOMATO DO LOTE



INSERÇÃO DE RASGOS - PÁTIOS

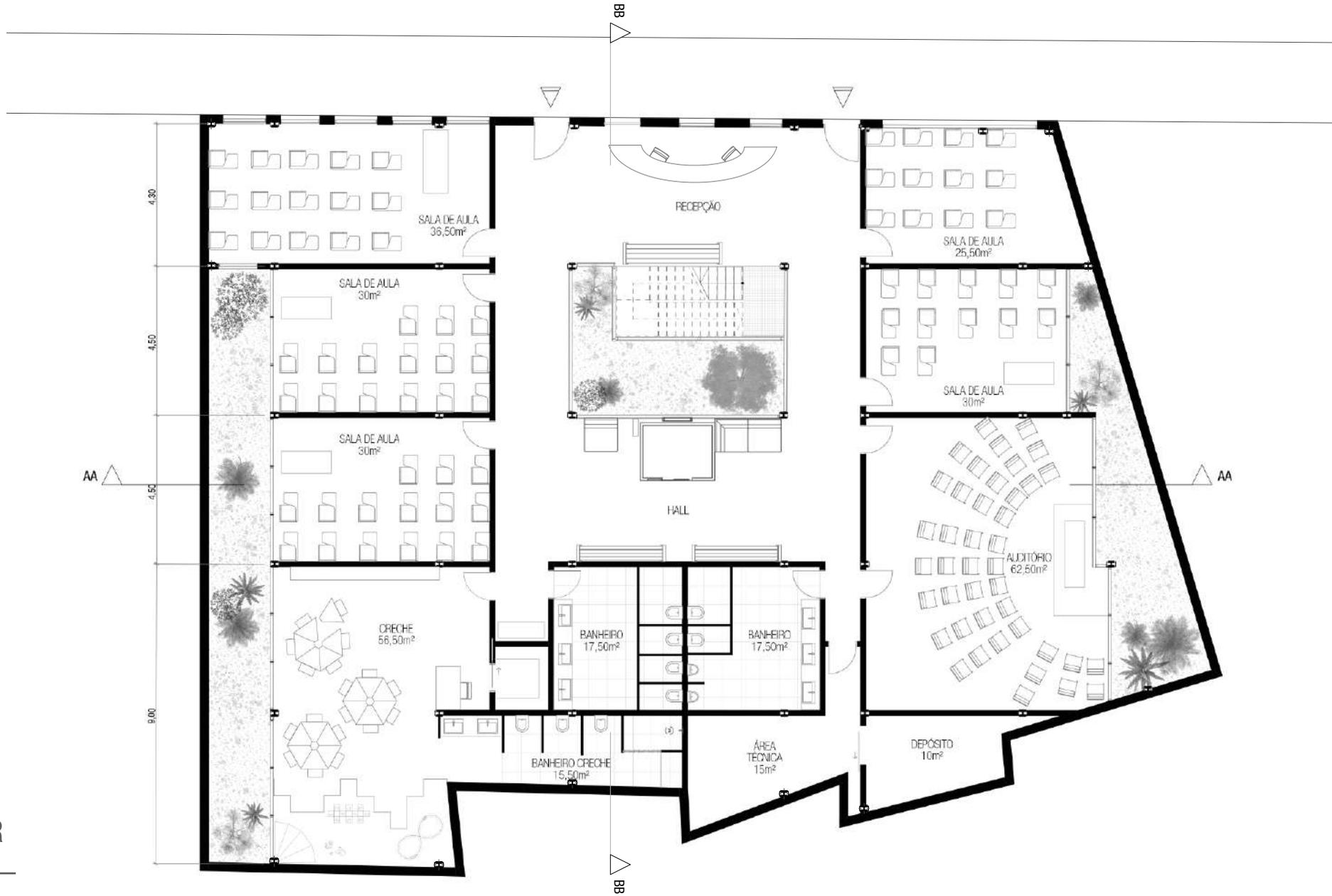


ADEQUAÇÃO A RITMO DE FACHADA



ESTRUTURA FINAL

TÉRREO . EDUCAR





AA

4,50

9,00

SALA DE AULA
30m²

CRECHE
56,50m²

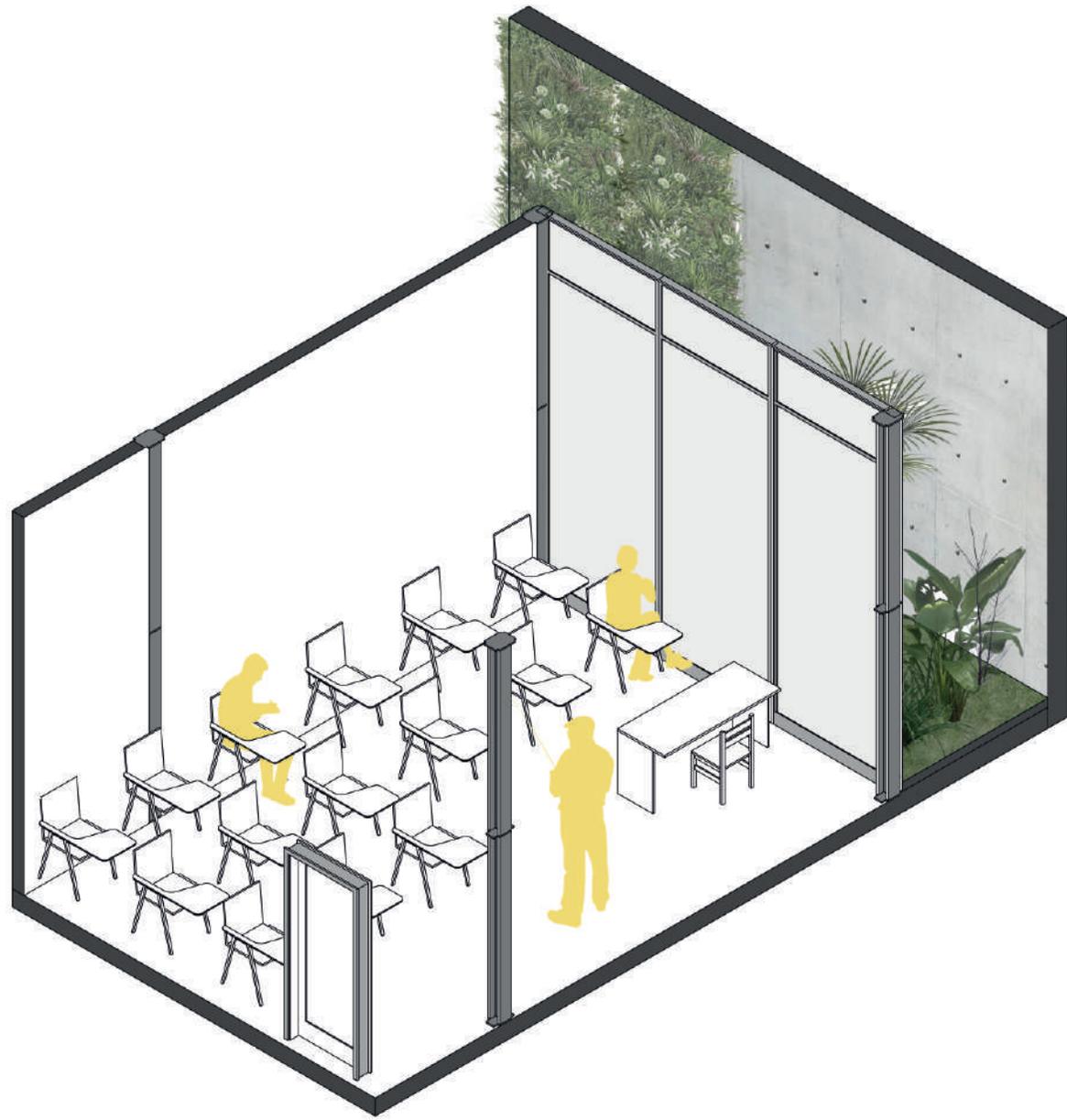
BANHEIRO
17,50m²

BANHEIRO CRECHE
15,50m²

HALL

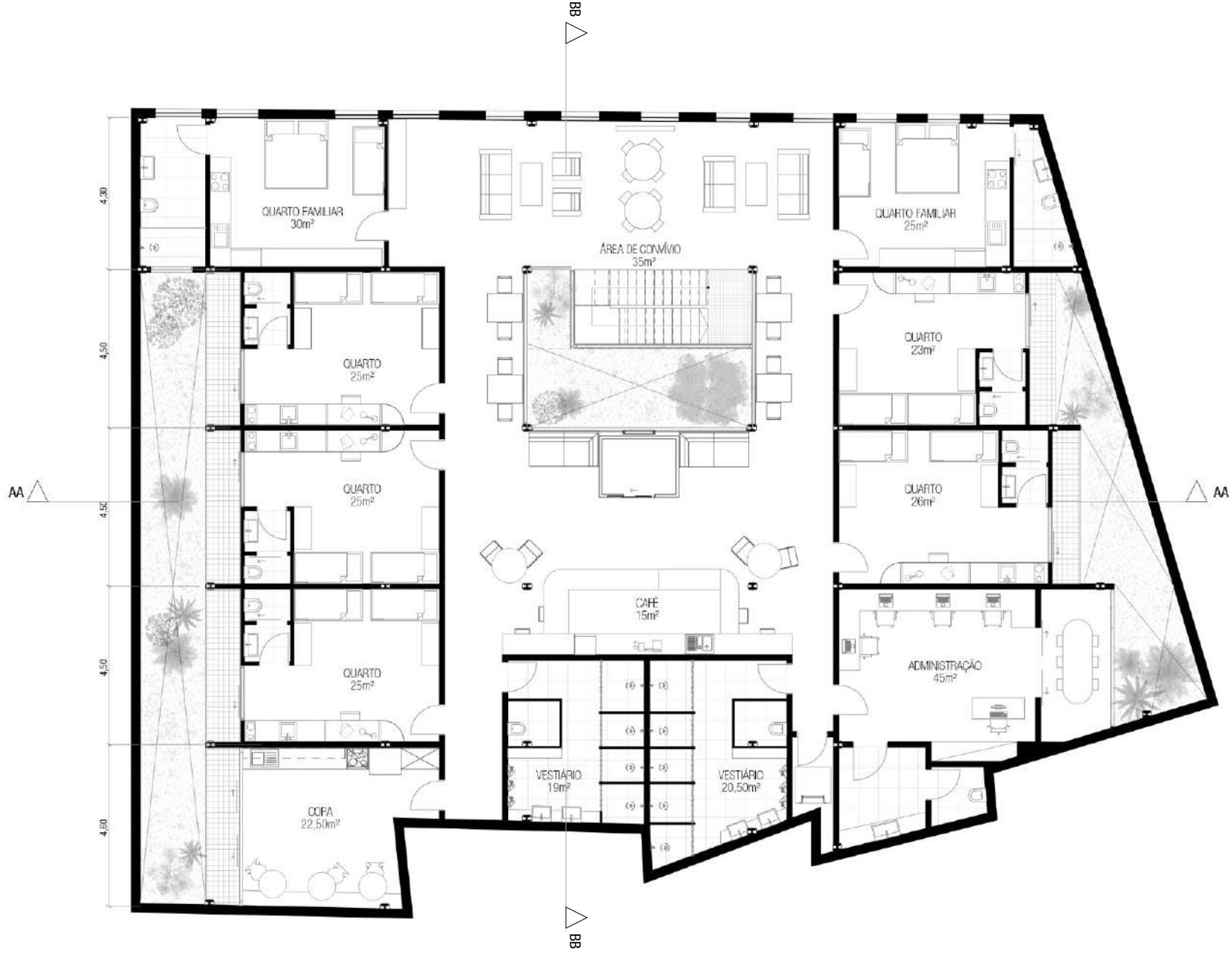
BB

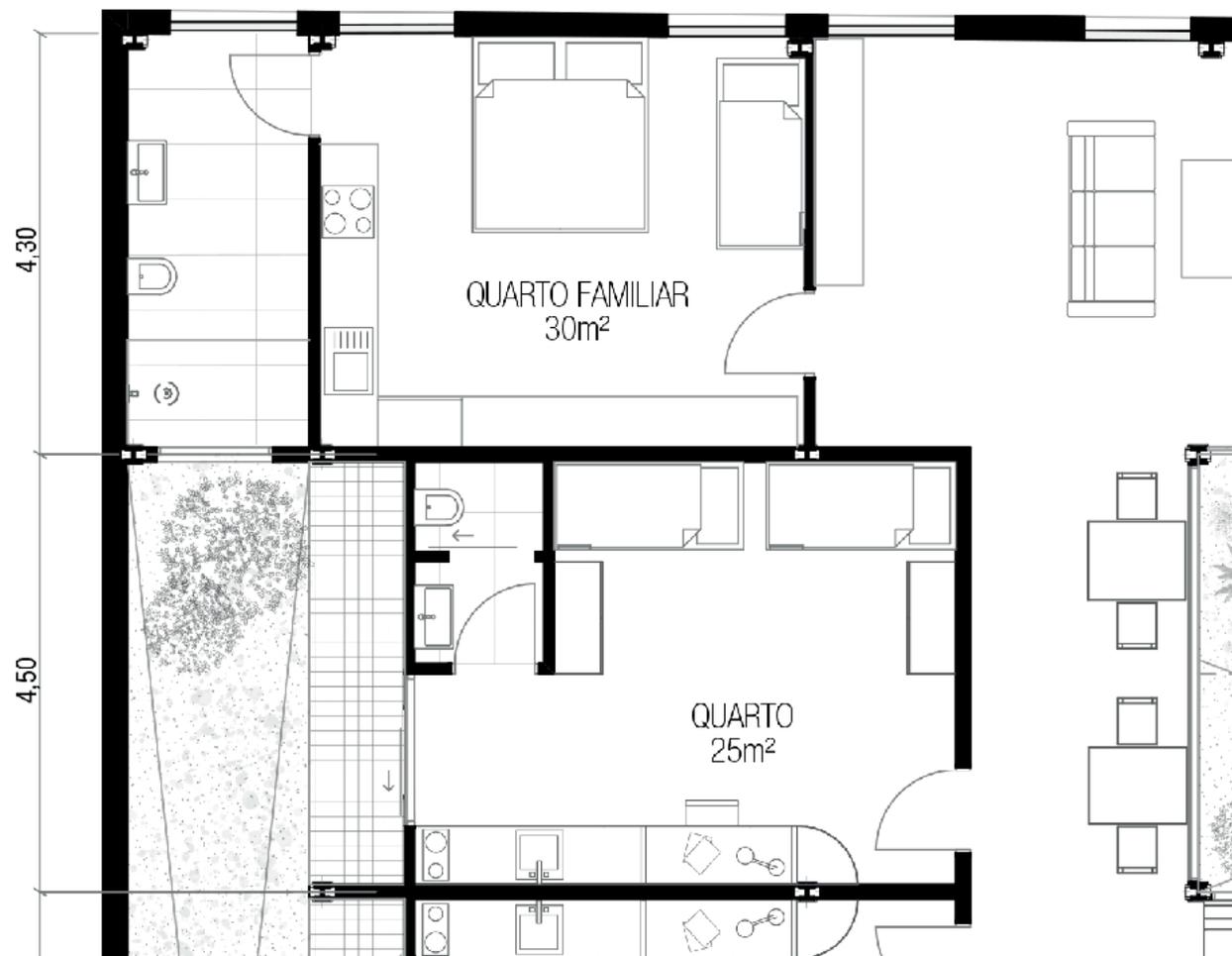
SALAS DE AULA E CRECHE



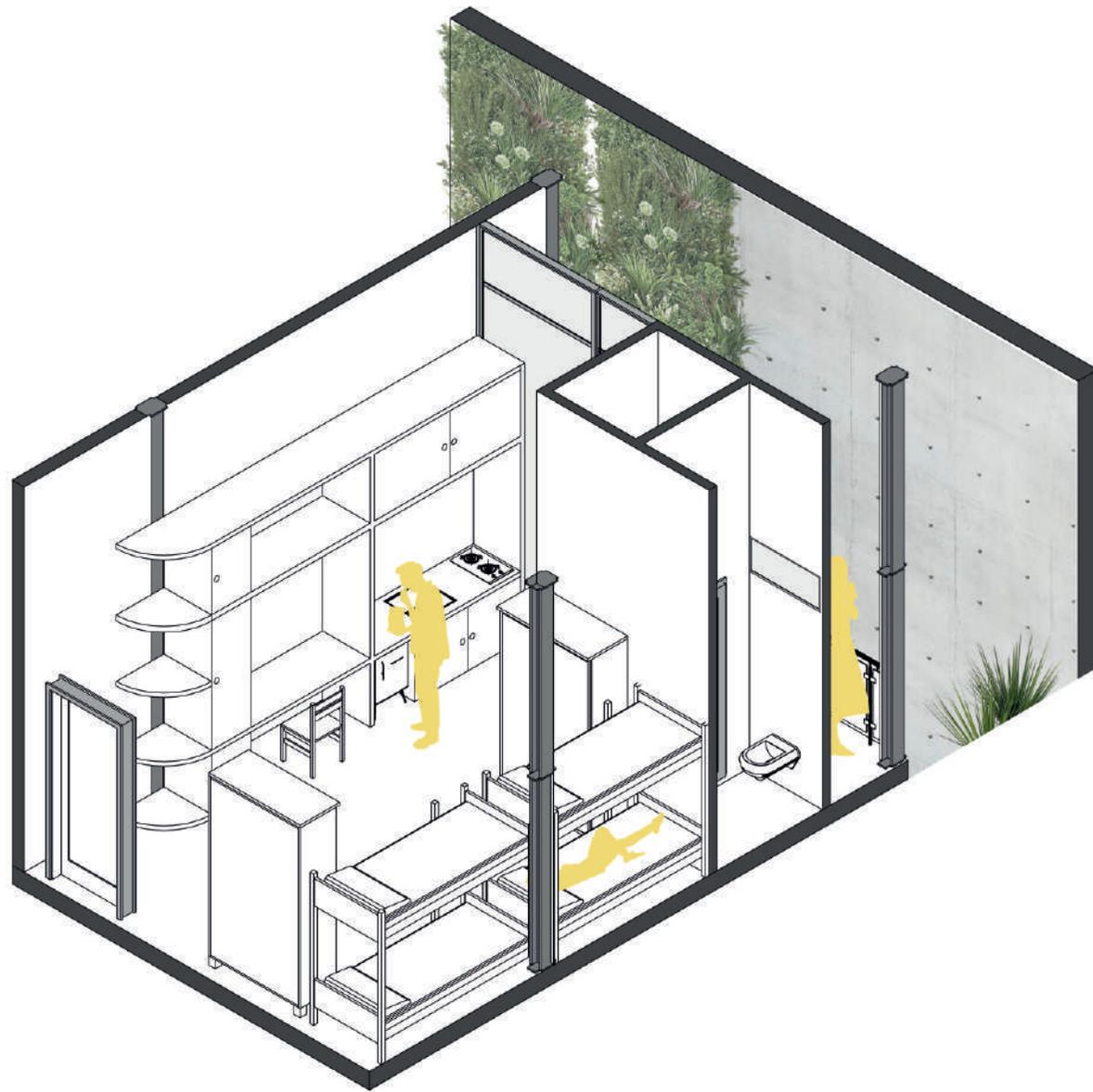
AXONOMÉTRICA -
SALA DE AULA

SEGUNDO PV . EDUCAR





QUARTO FAMILIAR E
QUARTO COMPARTILHADO



AXONOMÉTRICA -
QUARTO COMPARTILHADO



CORTE LONGITUDINAL AA . EDUCAR

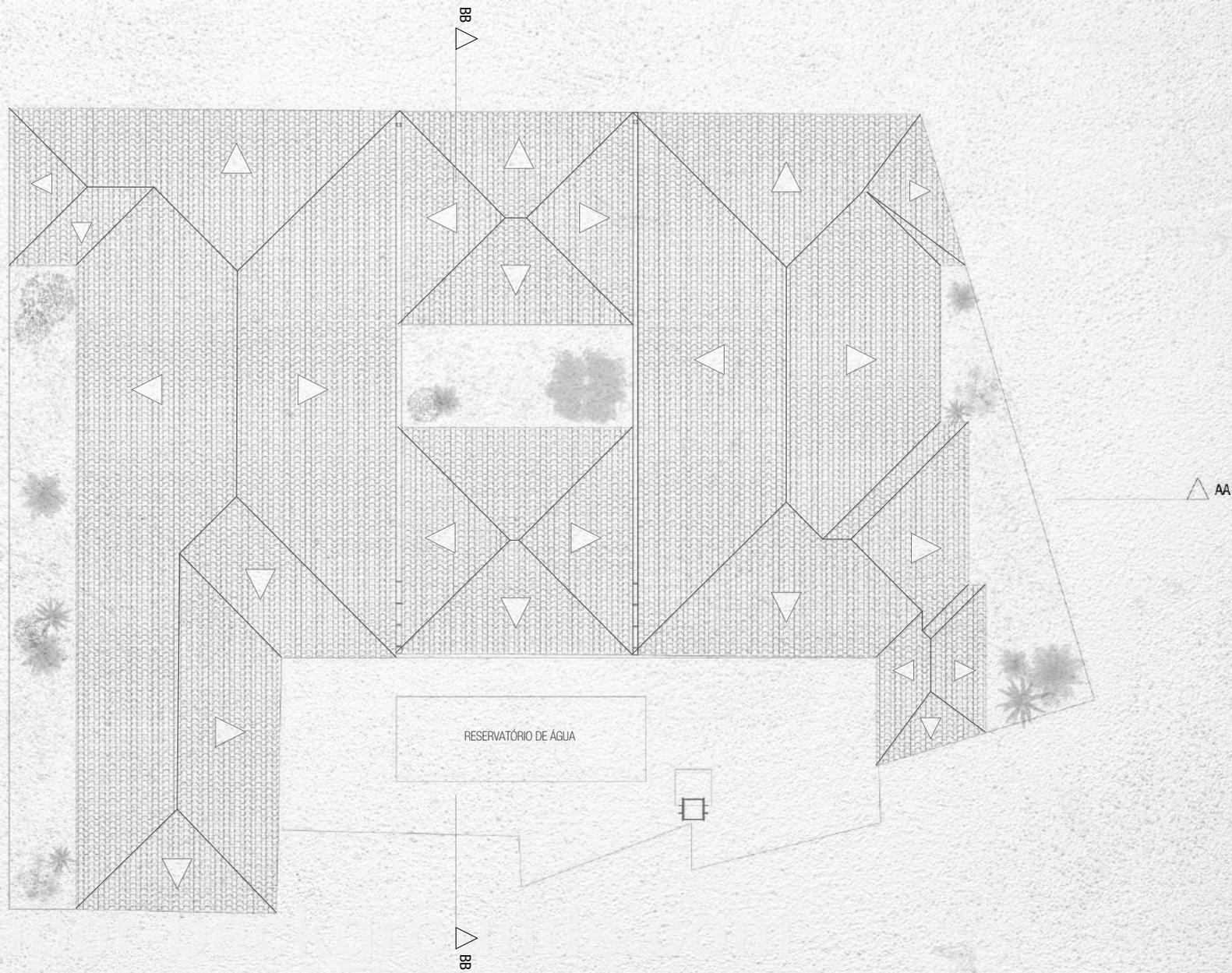






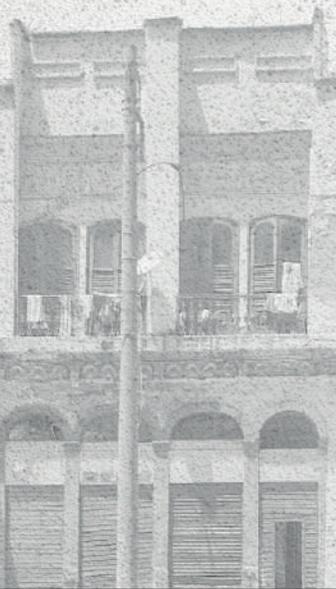
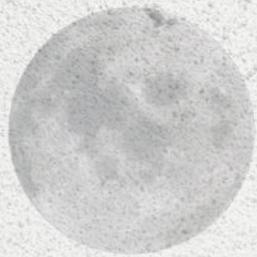
CORTE TRANSVERSAL BB . EDUCAR





COBERTURA . EDUCAR

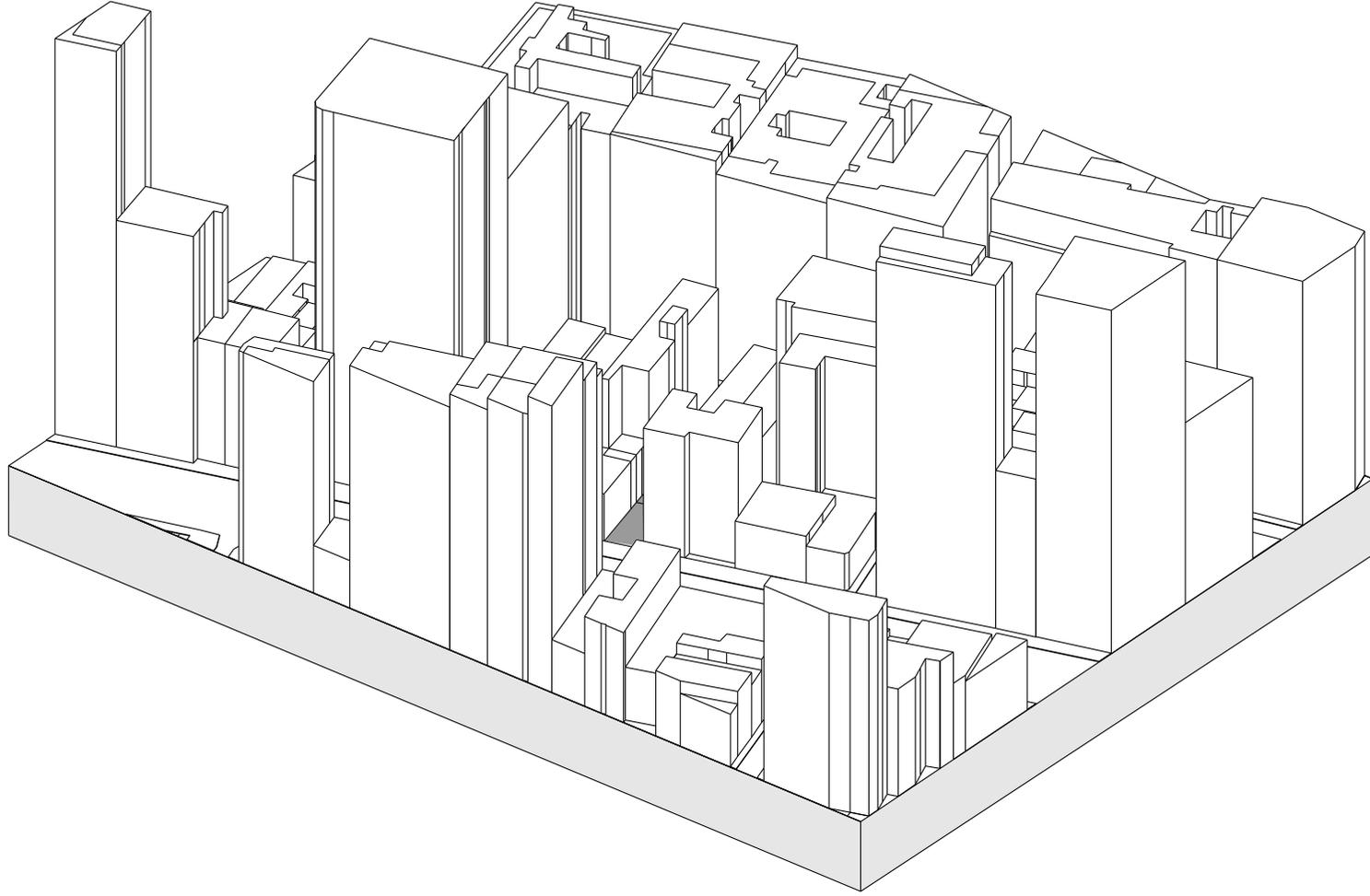


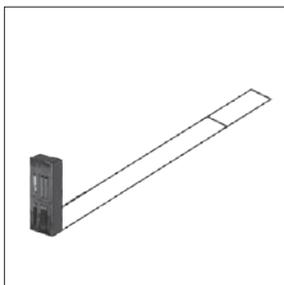




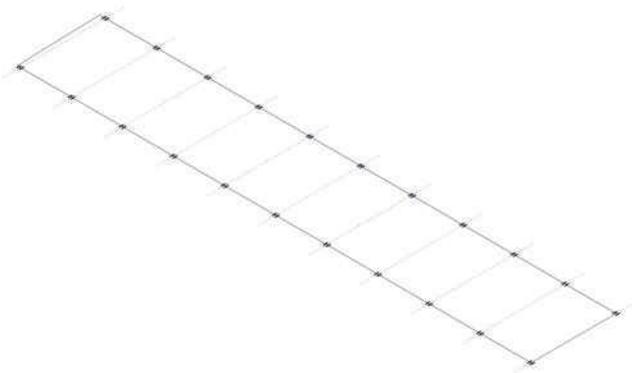


PROJETO TROCAR

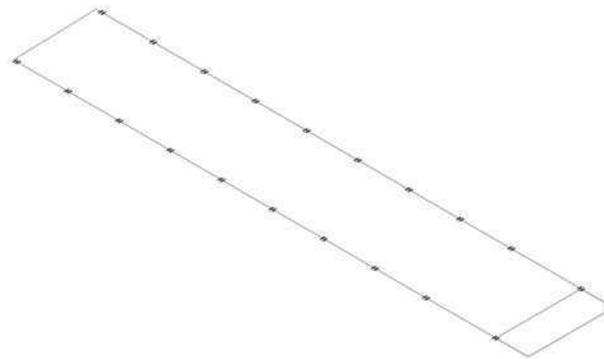




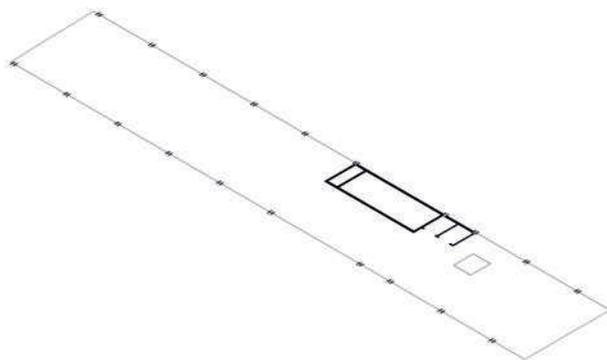
Vista Frontal Situação Atual
R. Visconde de Inhaúma, n 63
R. Teófilo Otoni, n 46



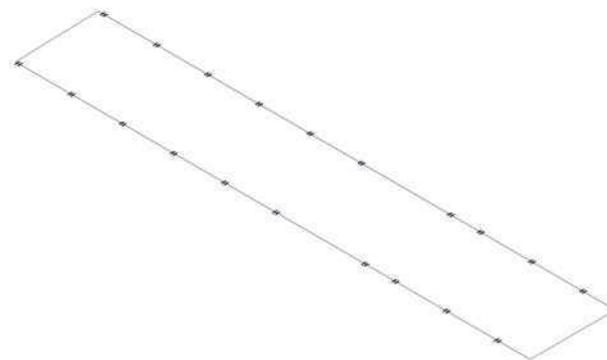
GRID ESTRUTURAL DE 4,5M



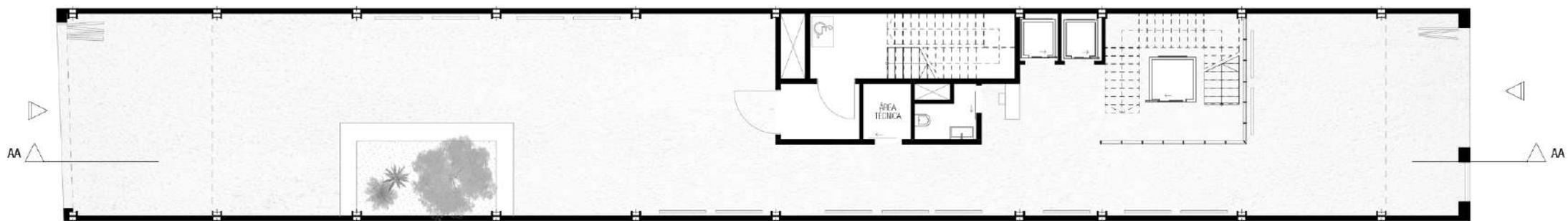
AFASTAMENTO DA FACHADA EXISTENTE



ADEQUAÇÃO À CIRCULAÇÃO VERTICAL



ESTRUTURA FINAL

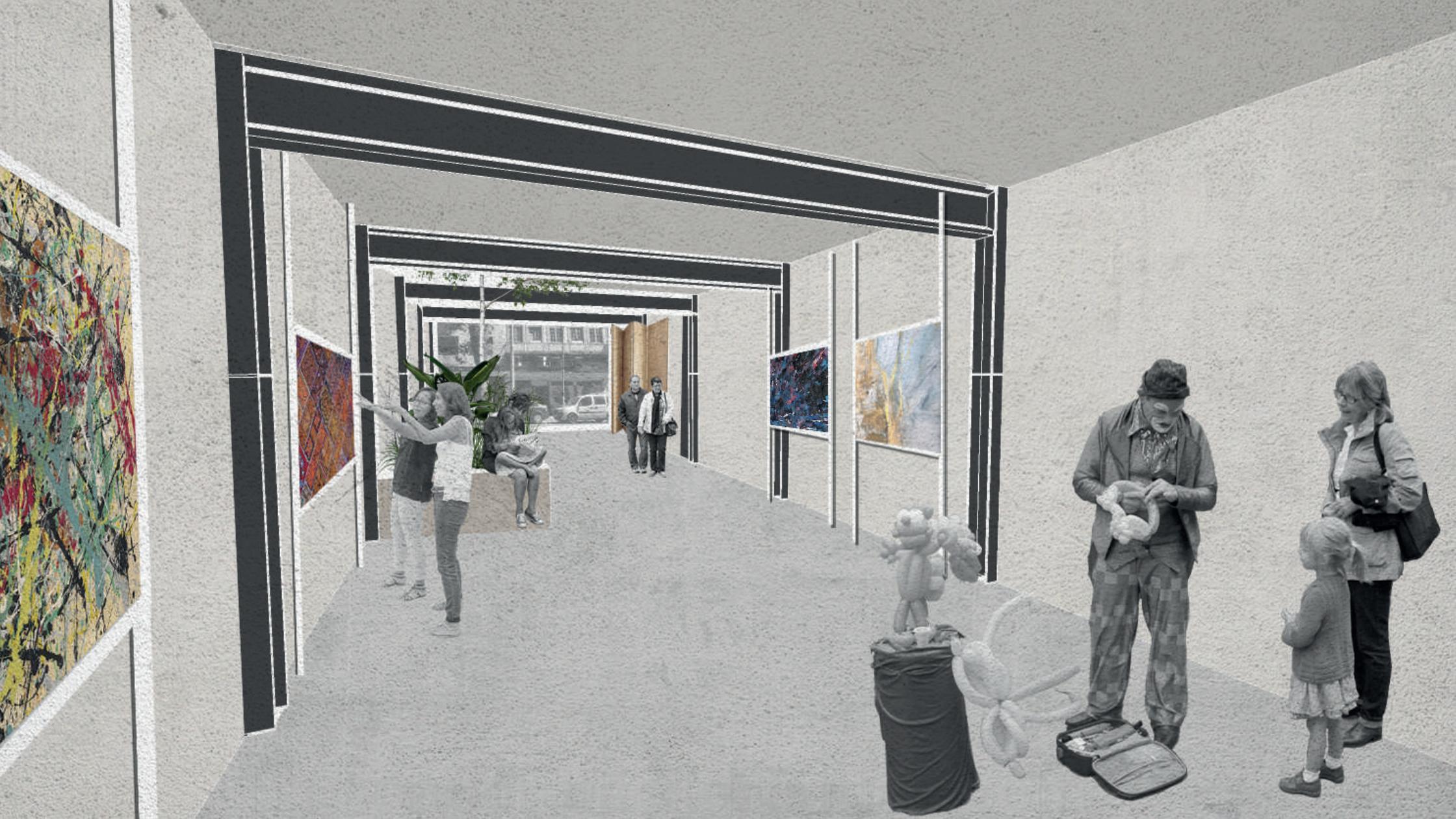


PAVIMENTO TÉRREO - TROCAR



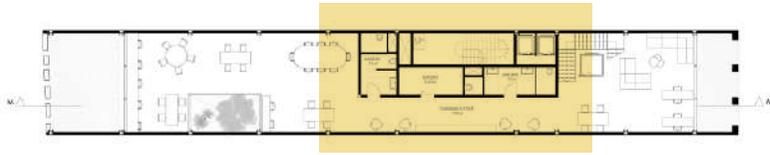


CIRCULAÇÃO VERTICAL





SEGUNDO PAVIMENTO - TROCAR



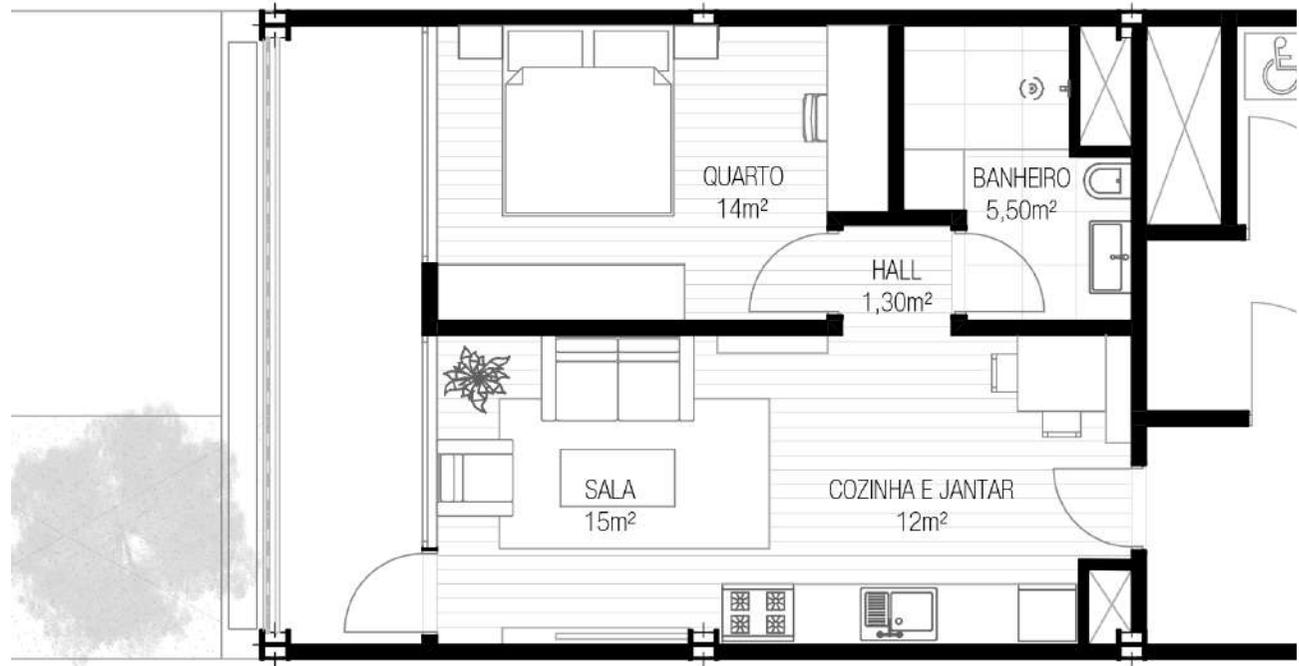
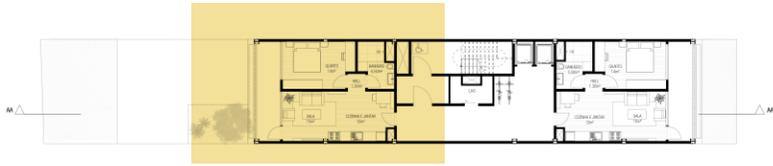
COWORKING E ATELIÊ 2PV



TERCEIRO PAVIMENTO - TROCAR



PAVIMENTO TIPO (4 AO 6PV)- TROCAR

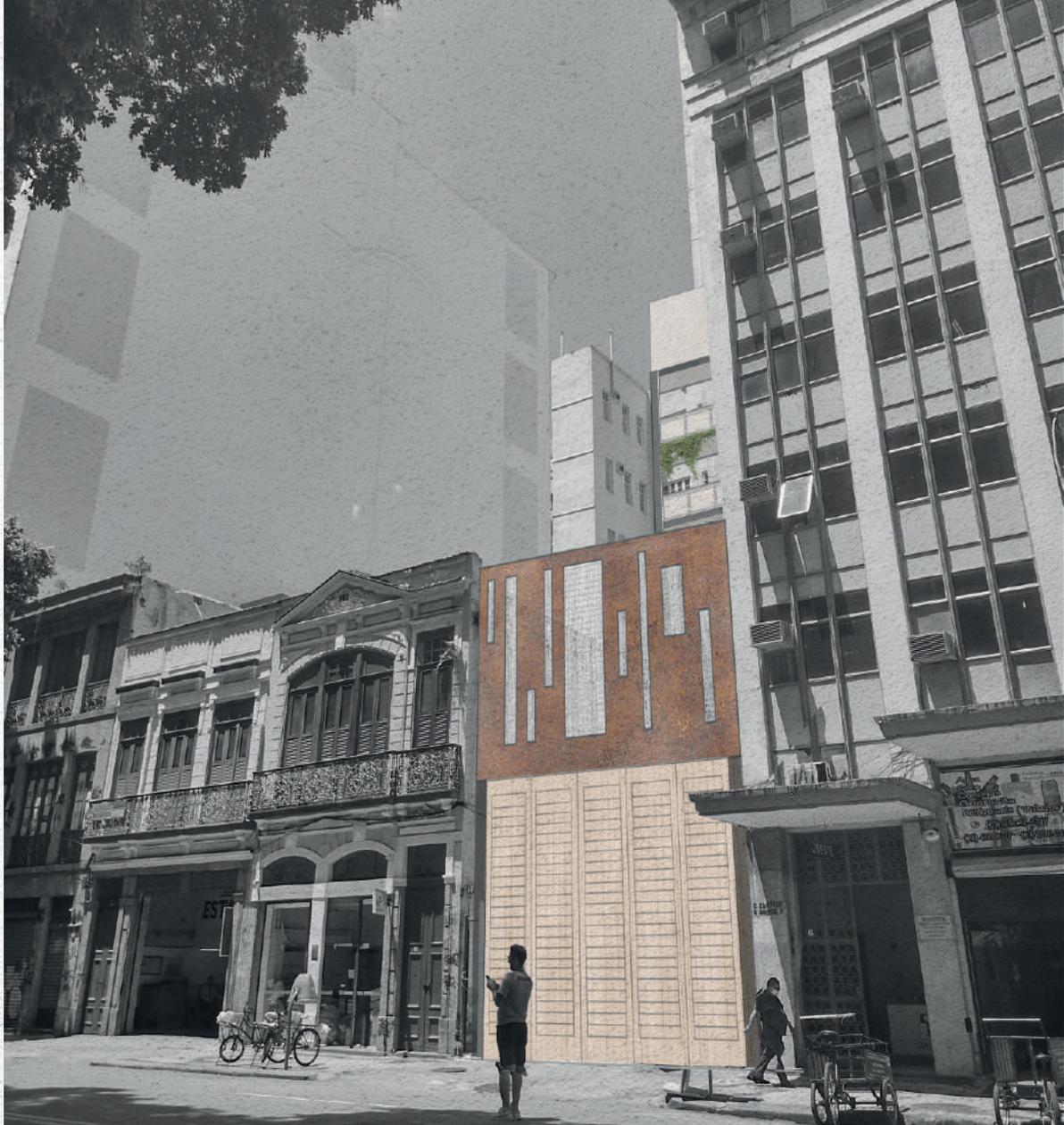
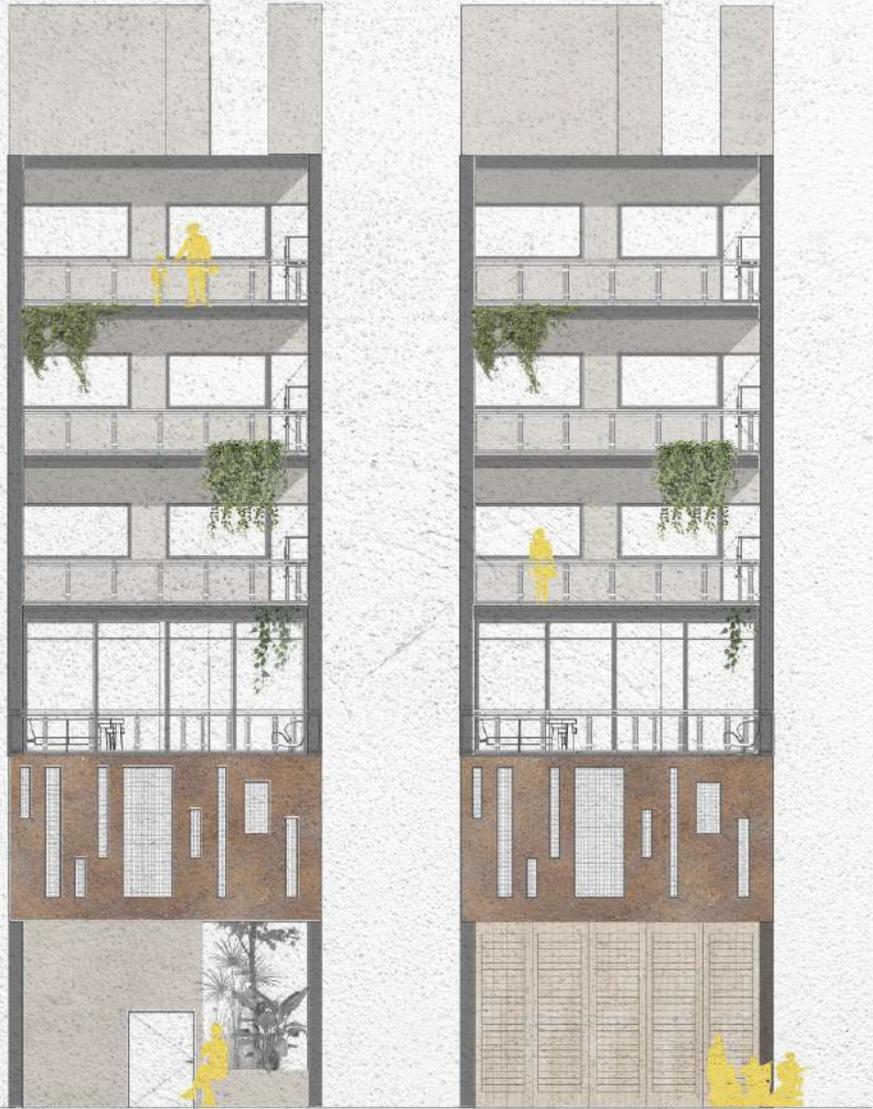


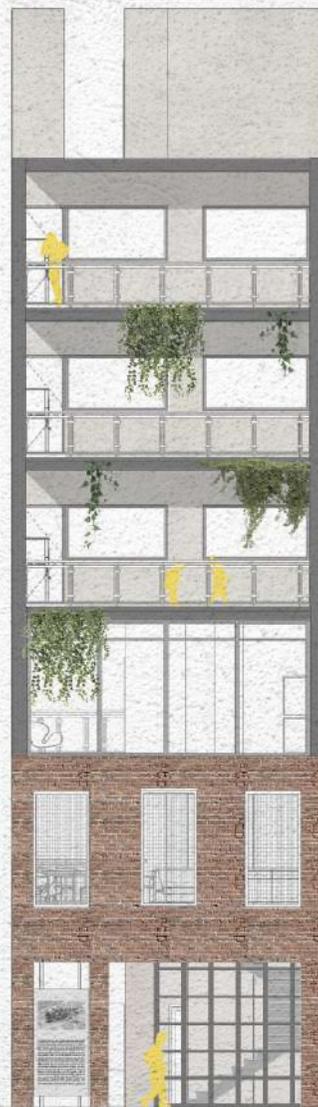


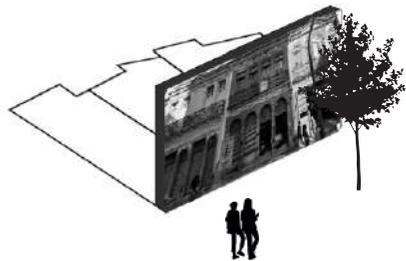
AXONOMÉTRICA -
UNIDADE HABITACIONAL



CORTE LONGITUDINAL AA - TROCAR







OBRIGADA!